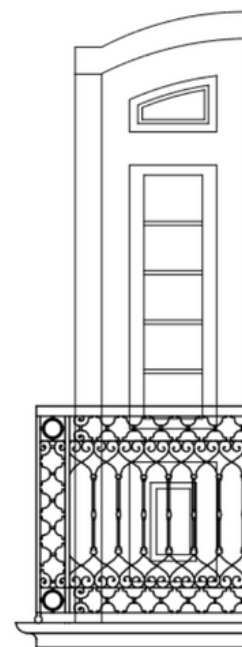
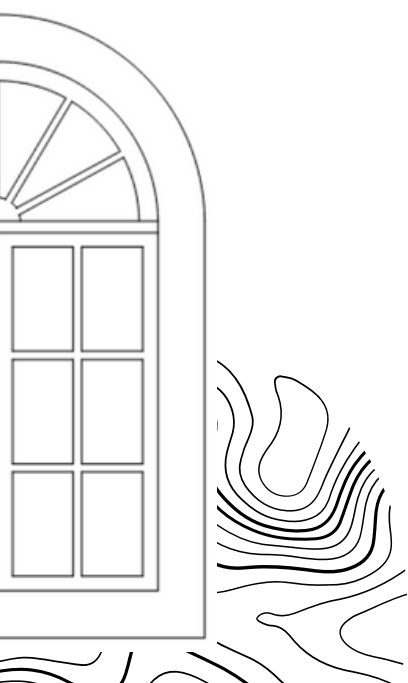


INVENTÁRIO E ANÁLISE DAS JANELAS
DA RUA DIREITA EM MARIANA, MINAS GERAIS.
BRASIL



ISABELA CAMPOS SILVA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS
GERAIS

CAMPUS OURO PRETO

CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

**Inventário e análise das tipologias de janelas da Rua Direita em Mariana,
Minas Gerais, Brasil**

ISABELA CAMPOS SILVA

OURO PRETO/MG

2024

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS
GERAIS

CAMPUS OURO PRETO

CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

**Inventário e análise das tipologias de janelas da Rua Direita em Mariana,
Minas Gerais, Brasil**

ISABELA CAMPOS SILVA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso Tecnologia em Conservação e Restauro do Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Ouro Preto para obtenção do grau de tecnólogo em Conservação e Restauro.

Orientadora: Prof. Bárbara Helena Almeida Carmo

OURO PRETO/MG

2024

S586i Silva, Isabela Campos.

Inventário e análise das tipologias de janelas da Rua Direita em Mariana, Minas Gerais, Brasil [manuscrito] / Isabela Campos Silva. – 2024.

51 f. : il.

Orientador: Bárbara Helena Almeida Carmo.

Trabalho de Conclusão de Curso (tecnologia) – Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto, 2024.

1. Patrimônio cultural – Mariana (MG). 2. Edifícios históricos – Conservação e preservação – Salvação. 3. Edifícios históricos – Inventário. I. Carmo, Bárbara Helena Almeida. II. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto. III. Título.

CDU: 719(815.1)


Catálogo: Andresa Aredes Ferreira CRB-6/MG-003262/0

Isabela Campos Silva


**INVENTÁRIO E ANÁLISE DAS TIPOLOGIAS DE JANELAS DA RUA DIREITA
EM MARIANA, MINAS GERAIS, BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao curso Tecnologia em Conservação e
Restauro do Instituto Federal de Minas Gerais
- Campus Ouro Preto para obtenção do grau
de tecnólogo em Conservação e Restauro.


Aprovada em: 18/07/2024 pela banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **BARBARA HELENA ALMEIDA CARMO**
Data: 03/09/2024 15:56:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Bárbara Helena Almeida Carmo - IFMG (Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 **ANA PAULA DE MORAES**
Data: 06/09/2024 21:02:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Ana Paula de Moraes - IFMG

Documento assinado digitalmente
 **THAIS HOELZLE ALVES DA COSTA**
Data: 03/09/2024 19:08:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Thais Hoelzle Alves da Costa - UFMG

Dedico este trabalho à minha mãe, Vera Lúcia, minha força e fonte de inspiração diária, que sempre acreditou na educação como instrumento transformador do mundo, e que, mesmo de longe, não me deixou desistir.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar agradecendo a todos que, de alguma forma, contribuíram para que este momento chegasse, tanto pelas interações dentro de sala de aula quanto pelos momentos de descontração pelos corredores do Geraldo Nunes. Sou grata por ter encontrado pessoas tão especiais pelo caminho. Entretanto, gostaria também de expressar alguns agradecimentos especiais.

Agradeço ao meu pai por todo o apoio e trocas que tivemos durante o período da minha formação e, especialmente, durante a construção deste TCC, já que ele foi meu ajudante oficial nas medições e meu incentivo diário.

Aos meus irmãos, Vanessa e Alexandre, que vibraram comigo cada conquista nesta trajetória e que me fazem todos os dias ter a certeza de que eu nunca vou estar sozinha neste mundo.

Ao meu grupinho, Lara, Gustavo e Thaís, que foram essenciais durante a faculdade, dividindo frustrações e alegrias comigo. Vocês fizeram esta etapa ser mais leve e divertida.

Aos meus amigos, Vinícius, Maria Alice, Júlia e Hillary, que não me deixaram desistir em nenhum momento, me ouvindo falar incansavelmente sobre este projeto e me ajudando a seguir firme com meu objetivo.

Por fim, agradeço aos professores e técnicos do Curso de Tecnologia em Conservação e Restauro, que foram essenciais para a minha formação, e em especial à minha orientadora Bárbara, que foi crucial para a elaboração deste estudo.

RESUMO

O trabalho apresentado trata-se de uma análise das janelas presentes na rua Direita, localizada na cidade de Mariana, Minas Gerais, realizado com o objetivo de levantar as tipologias de janelas e bandeiras presentes nas edificações mais significativas daquele perímetro, a fim de produzir um inventário técnico a partir dessas informações. Para estruturação desta pesquisa, foi realizado levantamento bibliográfico e fotográfico, de modo a traçar o surgimento da cidade de Mariana e da rua Direita, e sua evolução ao longo dos séculos, além de contextualizar sobre vãos, esquadrias, materiais e tipologias de janelas. Como produto final, foi realizado um inventário a partir da seleção de janelas de 10 edificações presentes na dita rua, que vão desde o século XVIII ao XX, e que transmitem sua identidade. Neste inventário, há fotos, desenhos feitos em AutoCAD e descrição das esquadrias. Ademais, através das pesquisas e levantamentos, foi possível identificar as tipologias que mais se repetiram pelas edificações da rua Direita, e também aquelas que se demonstraram únicas dentro do conjunto. O presente estudo demonstra sua importância pois é uma forma de salvaguardar estes elementos construtivos, suas características, história e estilo arquitetônico.

Palavras-chave: Conservação; Patrimônio cultural; Mariana/MG; Salvaguarda; Inventário.

ABSTRACT

The presented work is an analysis of the windows on Rua Direita, located in the city of Mariana, Minas Gerais. The study aims to identify the types of windows and transoms present in the most significant buildings within that perimeter to produce a technical inventory based on this information. For the structuring of this research, a bibliographic and photographic survey was conducted to trace the emergence of the city of Mariana and Rua Direita and their evolution over the centuries. It also contextualizes openings, frames, materials, and window types. As the final product, an inventory was created from a selection of windows from 10 buildings on the mentioned street, ranging from the 18th to the 20th century, reflecting the street's identity. This inventory includes photos, AutoCAD drawings, and descriptions of the window frames. Additionally, through research and surveys, it was possible to identify the most common window types in the buildings on Rua Direita, as well as those that are unique within the group. This study is significant as it helps preserve these architectural elements, their characteristics, history, and architectural style.

Keywords: Conservation; Cultural heritage; Mariana/MG; Safeguarding; Inventory

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
JUSTIFICATIVA	10
OBJETIVO GERAL	11
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
METODOLOGIA	11
1 ARQUITETURA CIVIL E RESIDENCIAL EM MINAS GERAIS	13
1.1 Mariana: Breve histórico da formação da cidade	15
2 AS ESQUADRIAS: TERMOS E DEFINIÇÕES FUNDAMENTAIS	23
2.1 Vãos	25
2.2 Vergas e fechamento das esquadrias	29
3 AS ESQUADRIAS: SISTEMAS E ESTÉTICA NA RUA DIREITA EM MARIANA/MG	31
4 INVENTÁRIO	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
APÊNDICE A - Fichas de Inventário	42

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um inventário realizado a fim de documentar as tipologias de janelas presentes na Rua Direita na cidade de Mariana, Minas Gerais (figura 1), tanto por sua riqueza histórica quanto arquitetônica, já que nessa região é possível encontrar importantes exemplares da arquitetura dos séculos XVIII e XIX. Também destaca-se a localização geográfica do perímetro escolhido para a realização deste estudo (figura 2), já que a Rua Direita encontra-se na região mais central da cidade de Mariana, perto da Catedral Basílica da Sé, reconhecida por sua preservação notável, atraindo diariamente uma diversidade de visitantes, desde moradores locais até turistas.

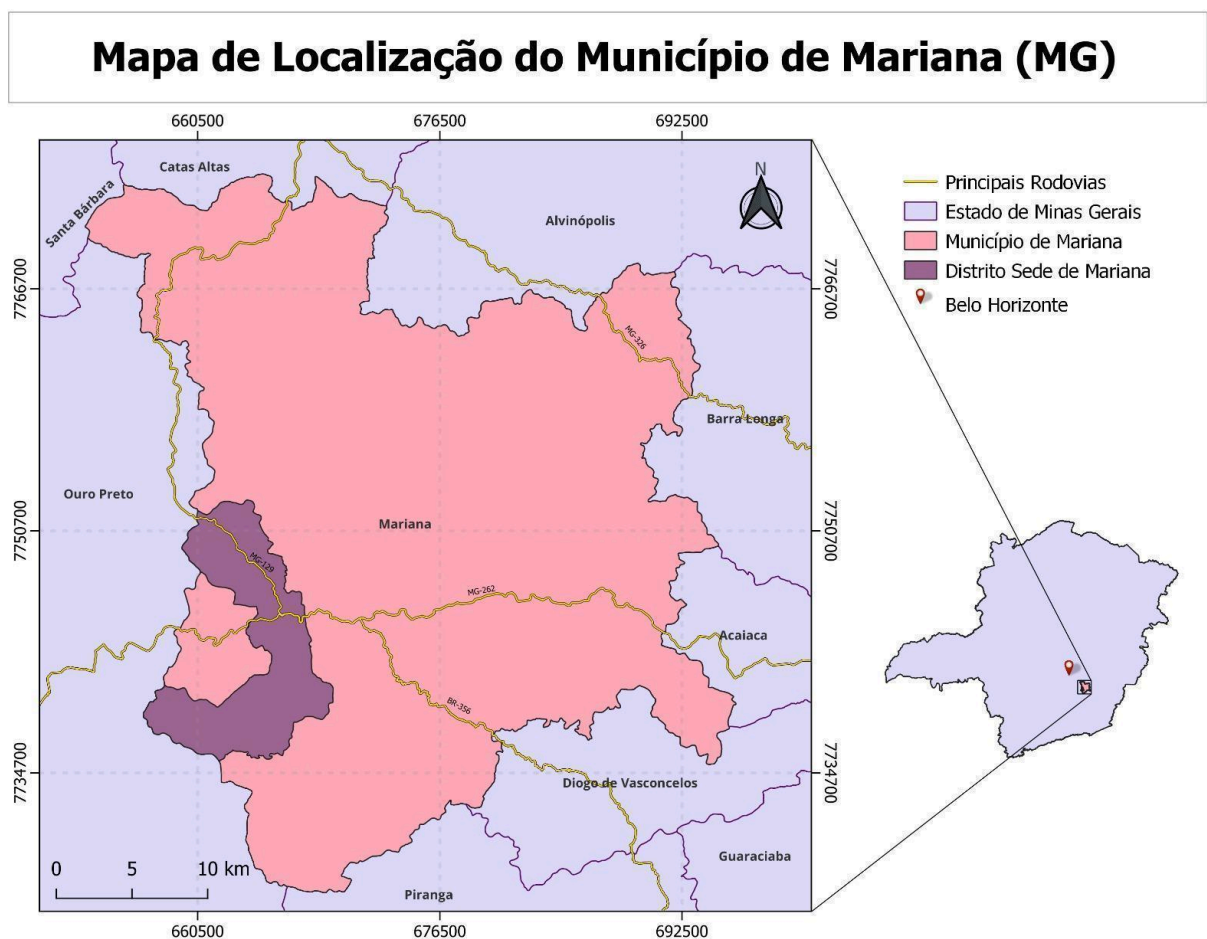


Figura 1 : Mapa de localização do município de Mariana, MG.

Fonte: Autora, 2024

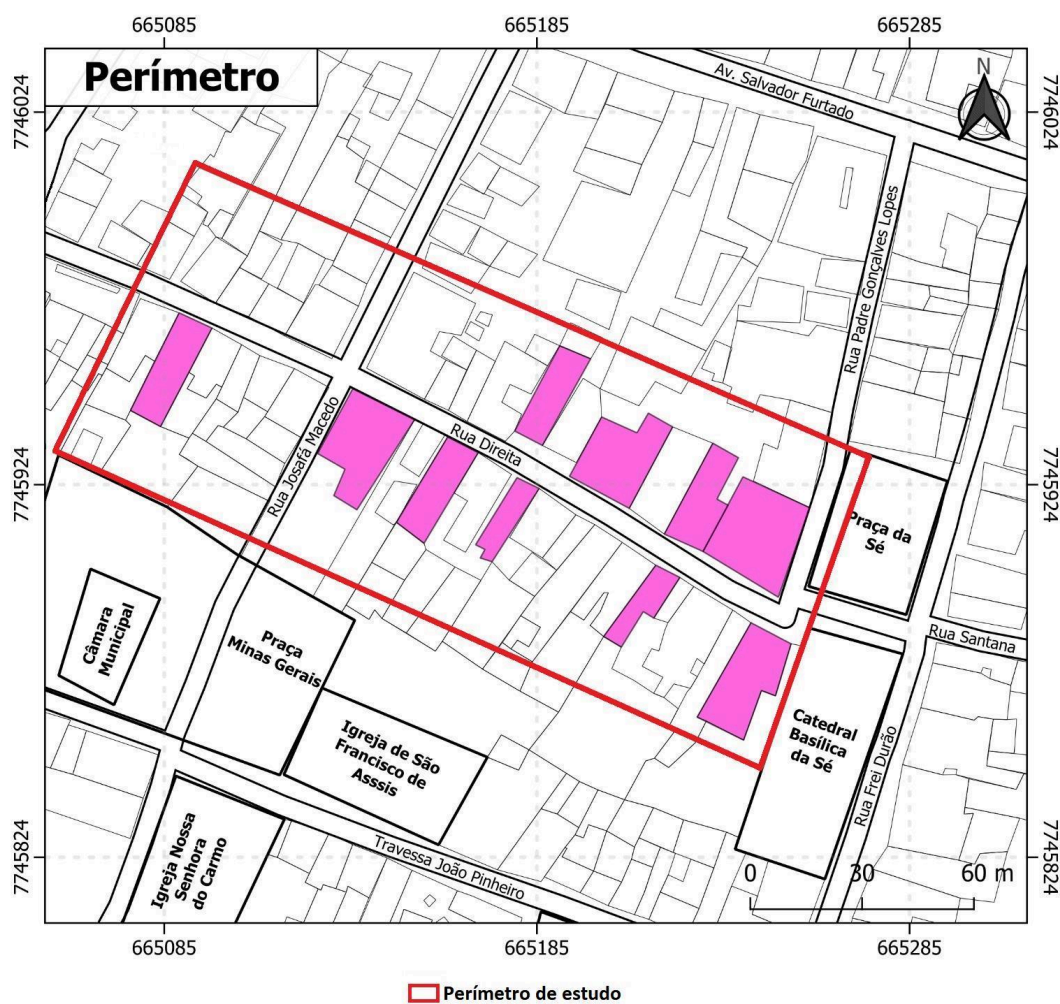


Figura 2 : Delimitação do perímetro de estudo.

Fonte: Autora, 2024.

Para a realização dos levantamentos e elaboração do inventário, foi delimitado um perímetro de estudo que abrange toda a Rua Direita, de modo a identificar os diferentes modelos de esquadrias de janelas ali presentes, que vão desde os mais tradicionais, de madeira e verga reta, até os ecléticos, com marco feito em argamassa e arco pleno. A escolha das janelas foi feita a partir de observações da própria rua, e teve como objetivo selecionar os exemplares que mais se destacaram ali, seja pela história da edificação em que estava inserida, ou por suas particularidades construtivas. Também é importante destacar que buscou-se representar esquadrias em edificações que vão do século XVIII até o XX, até que se obtivesse uma quantidade adequada de exemplares para apoiar as análises a serem feitas após a etapa de levantamento.

Como resultado desta pesquisa, pretende-se realizar uma análise detalhada das características das janelas catalogadas, além de elaborar fichas de inventário para consolidar

essas informações. Isso contribuirá para a preservação do conhecimento sobre as técnicas construtivas empregadas na região, com base em estudos relevantes, como os realizados por José Wash Rodrigues, que oferecem informações valiosas sobre a arquitetura de Minas Gerais, incluindo Mariana e Ouro Preto.

JUSTIFICATIVA

Segundo a versão defendida pelo historiador Diogo de Vasconcellos e utilizada por Cláudia Damasceno Fonseca no livro “O termo de Mariana”, a cidade de Mariana, MG, antigo arraial de Ribeirão do Carmo, foi fundada em 1696, com a chegada dos bandeirantes paulistas Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, Miguel Garcia e sua tropa, que encontraram ouro às margens de um ribeirão, onde eles haviam se assentado. Deste modo, esse local passa a receber, dia após dia, inúmeras pessoas, e começa o seu crescimento. Em 1711, já contando com uma população numerosa, o arraial foi elevado à categoria de vila, e durante todo o período do Brasil Colônia, foi a primeira vila, única cidade e principal capital de Minas Gerais.

Crescendo sua expressão populacional, econômica e edificada, terá aumentado sua aspiração a outra categoria institucional, a outro tipo de reconhecimento por parte da sociedade organizada, em meio à divisão territorial estabelecida pelos poderes constituídos, enfim, por parte do Estado. A sua aspiração seguinte seria constituir não mais um embrião oficial, a célula menor eclesiástica e administrativa, porém algo mais [...] seria alcançar a autonomia política e administrativa, seria passar a constituir a sede de um município, passar a zelar por si mesma, aglomeração, e por um território próprio correspondente que lhe seria designado, o seu termo. (MARX, 1991, p.52 *apud* FONSECA, 1998, p.33)

Em 1745, foi elevada à categoria de cidade, recebendo o nome de Mariana, e foi também a primeira cidade do estado a ser projetada, e uma das primeiras no Brasil, com planta assinada por José Fernandes Pinto de Alpoim, tendo, desta forma, o seu núcleo central organizado de maneira regular e planejada. Segundo Cláudia Damasceno Fonseca, Mariana foi a única Vila mineira a ser alvo de um documento régio que regulamentasse o ordenamento urbano da criação da nova cidade.

No tocante às vilas mineiras, parece que Mariana foi a única a constituir objeto de um documento régio de mesmo teor dos citados acima. Provavelmente porque, como centro religioso das Minas, a cidade tinha um valor estratégico, devendo ostentar uma imagem que refletisse a nova ordem social que se desejava impor, e uma imagem digna do nome da rainha, regular, ordenada. (FONSECA, 1998, p.45)

A Rua Direita, localizada à direita da Catedral Basílica de Nossa Senhora da Assunção, importante monumento religioso da cidade de Mariana, é muito conhecida por sua riqueza arquitetônica e histórica, já que era local de morada de importantes nomes da cidade, como o Barão de Pontal, título dado pelo governo do império ao desembargador Manuel Ignacio de Mello e Souza, que foi presidente da Província, deputado e senador, e também Alphonsus de Guimaraens, poeta brasileiro, emblemático escritor do movimento simbolista do Brasil, estilo que caracterizava seus poemas. Deste modo, percebe-se que a Rua Direita abriga construções de valor, com inúmeros sobrados e casarios, e com variadas tipologias de janelas e bandeiras, que são o objeto de estudo do presente trabalho. Sendo assim, destaca-se a importância de inventariar este acervo, de modo a salvaguardar as variedades construtivas destas e de analisar suas particularidades.

Ademais, para enriquecimento do trabalho e complemento das pesquisas, mostra-se importante entender quais eram os materiais mais utilizados e possivelmente comuns da região de construção deste casarios, o serviço executado pelos mestres artífices nos períodos dos séculos XVIII ao XX, e quais técnicas eles utilizavam em seus trabalhos.

OBJETIVO GERAL

O presente trabalho propõe-se a realizar um levantamento das esquadrias e bandeiras utilizadas nas janelas das edificações mais significativas da rua Direita, em Mariana, MG, e cadastrar essas informações em um inventário técnico, de modo a registrar seus estilos durante os séculos XVIII ao XX, além de estudar os materiais e técnicas empregados nestas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar os períodos de construção das edificações erguidas na rua Direita;
- Realizar levantamento fotográfico das esquadrias da rua Direita, bem como desenhos em Autocad para produção do inventário;
- Analisar os dados obtidos, de modo a identificar as tipologias que mais se repetiram pelas construções ao longo da rua;
- Realizar estudo sobre os materiais e técnicas empregados em suas produções;
- Observar possíveis tipologias *sui generis*.

METODOLOGIA

Métodos e técnicas de coleta de dados: nesta pesquisa, foi realizado levantamento bibliográfico, levantamento fotográfico e estudo de campo.

- Levantamento bibliográfico para contextualização histórica e técnica do objeto de estudo;
- Levantamento bibliográfico acerca das esquadrias, tratando de suas tipologias, materiais e técnicas, que foram especificados também nas fichas de inventário;
- Levantamento fotográfico utilizando câmera de aparelho celular, para identificar as janelas selecionadas para o inventário e para a inserção destas imagens no corpo deste trabalho, de modo a ilustrá-lo, bem como medições de suas esquadrias, utilizando trena rígida, metro de madeira e croquis feitos à mão pela autora deste trabalho, onde foram anotadas as informações obtidas com as medições, de modo a auxiliar também na construção dos desenhos em AutoCad;
- Pesquisa de campo, de modo a identificar os materiais e técnicas utilizados nas confecções das janelas. Ao todo, foram realizadas 4 incursões em campo, sendo elas: 2 para levantamento fotográfico e observações dos exemplares escolhidos e 2 para levantamento técnico, que contaram com auxílio de mais duas pessoas, além da autora. Para a identificação dos materiais, esta foi feita através de análise visual;
- Contextualização das tipologias e técnicas gerais encontradas nas edificações da Rua Direita com base em referências como Sylvio de Vasconcellos, no livro “Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos” e Affonso Ávila, através do “Glossário de arquitetura e ornamentação”;
- Construção de fichas de catalogação para o inventário, contendo foto, desenho em AutoCad e localização em esquema da Rua Direita, destacando as edificações onde estão inseridas as janelas selecionadas em levantamento;
- Análise dos dados obtidos através das pesquisas e do trabalho *in loco*, de modo a identificar as tipologias de janelas e bandeiras mais usuais nessa região durante os séculos XVIII e XIX.

1 ARQUITETURA CIVIL E RESIDENCIAL EM MINAS GERAIS

Segundo Myriam de Andrade, no livro “Arquitetura de formação do Brasil”, a arquitetura civil e religiosa no estado de Minas Gerais ao longo de todo o século XVIII, principalmente nas regiões de Vila Rica (Ouro Preto), Sabará, Ribeirão do Carmo (Mariana), São João Del Rei e São José Del Rei (Tiradentes), foi marcada pela influência da arquitetura portuguesa, já que, por trás de grandes construções destes locais, estão importantes nomes portugueses. Isso se dá por esses locais serem favorecidos pela riqueza e desenvolvimento das vilas por meio da exploração do ouro.

Começaram a afluir para a região já na segunda década do século XVIII, quando emigraram, entre outros, Manuel Francisco Lisboa e Antônio Francisco Pombal, pai e tio de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, ambos procedentes do bispado de Lisboa. Por volta de 1735, chegou José Pereira dos Santos, procedente da região do Porto, que deveria assumir o papel de principal concorrente de Manuel Francisco Lisboa nas arrematações públicas. Também do Porto vieram, posteriormente, José Pereira Arouca, autor de uma série de obras importantes na cidade de Mariana, e Domingos Moreira de Oliveira, construtor da igreja de São Francisco de Assis, de Ouro Preto. Finalmente, da região de Braga emigraram, entre outros, José Fernandes de Oliveira, arrematante das obras da Matriz do Pilar, de Ouro Preto, Francisco de Lima Cerqueira, que seria o principal construtor na cidade de São João del Rei, e Antônio Pereira de Souza Calheiros, autor dos audaciosos projetos curvilíneos das igrejas de São Pedro dos Clérigos, de Mariana, e Nossa Senhora do Rosário, de Ouro Preto. (OLIVEIRA, 2006, p.134)

Estes importantes nomes contribuíram para a difusão em Minas Gerais de técnicas de construção que iam para além do uso de barro, ou seja, foram alguns dos responsáveis por adaptar o uso da alvenaria de pedra nesta região, usando a matéria prima ali disponível. É importante destacar que nas vilas mais afastadas do núcleo aurífero, como na região de Diamantina e do Serro, as técnicas construtivas se basearam, predominantemente, no uso das taipas e do adobe, podendo ser observadas tanto nas edificações religiosas, quanto residenciais. Deste modo, tem-se em Minas Gerais, nos seus diferentes polos, também diferentes formas de construção, marcadas pelas influências que cada região recebeu ao longo de sua formação e também pelo tipo de atividade desenvolvida ali.

Na arquitetura residencial, tem-se a evolução das plantas, materiais utilizados e dimensões ao longo do tempo. Um marcador de técnicas e estilos também se refere ao nível de condições financeiras das famílias que construíram as edificações. Deste modo, as plantas mais simples, geralmente térreas, pertenciam às famílias menos abastadas. À medida que as

idades foram crescendo e aumentaram as necessidades de implementação de comércios, foram surgindo os sobrados, de dois ou três pavimentos, com sacadas de ferro ou madeira nos pavimentos superiores, e áreas destinadas ao comércio no térreo (figura 3). Estas construções pertenciam às famílias de comerciantes, que possuíam melhores condições financeiras. Deste modo, nestas edificações, é possível perceber o aumento no nível de detalhes e o uso de materiais mais sofisticados para a época.



Figura 3 : Sobrados da rua Direita com comércio no pavimento térreo e residência no superior.
Fonte: Autora, 2024.

Um outro ponto importante a ser analisado é como se dava a organização do traçado urbano destas vilas, ou seja, como se organizavam as construções dentro destes espaços. Estas eram influenciadas também pela forma de trabalho daquele período (que no início da formação das vilas tratava-se predominantemente da exploração do ouro). Como a retirada do metal precioso era feita no leito dos rios, e os locais de coleta estavam sempre mudando, as construções fixas, como moradia e comércio, podiam estar próximas destes locais, mas não necessariamente inseridas neles.

Teriam sido, portanto, os caminhos e estradas de acesso às minerações a origem dos primeiros arruamentos, em torno dos pontos de venda para suprimento das necessidades imediatas das populações. Daí o aspecto geralmente alongado e sinuoso dos arraiais auríferos, com sua ermida ou capelinha, construída em situação independente, no centro de um "largo" e não no interior das quadras, como nas povoações litorâneas. Apenas as cidades de Mariana e Diamantina foram sujeitas a traçados reguladores, segundo a "Lei das Índias". (OLIVEIRA, 2006, p.137)

Também destaca-se a presença das Casas de Câmara e Cadeia (figura 4) nas antigas vilas de Minas Gerais, como símbolo da manutenção do poder político e da ordem nestas regiões. Ali, eram tratadas as questões relativas à administração destas vilas, na parte da Câmara, localizada no pavimento superior, e também era instituída a prisão, no térreo, com acessos isolados ao piso superior. No centro da fachada, a torre com o “sino do povo”, herdada da *domus municipalis* medieval, é também um traço característico dessas construções, como atestam as antigas câmaras de Ouro Preto, Mariana e Goiás, localizadas na principal praça da vila, segundo a tradição ibérica. (OLIVEIRA, 2006, p.139).



Figura 4: Casa de Câmara e Cadeia de Mariana.
Fonte: Autora, 2024.

1.1 Mariana: Breve histórico da formação da cidade

De acordo com as informações do livro Termo de Mariana: história e documentação, em 16 de julho de 1696, uma expedição liderada pelo Coronel Salvador Fernandes de Furtado Mendonça estabeleceu acampamento às margens de um rio, que recebeu o nome de Ribeirão de Nossa senhora do Carmos, em homenagem ao dia da Virgem do Carmo, após identificarem a presença significativa de depósitos de ouro. Seguindo a tradição de associação entre a Coroa e a Igreja, a descoberta de um novo território resultava na construção de uma capela, um

símbolo de poder e controle. Dessa maneira, foi erigida a capela em honra a Nossa Senhora do Carmo. Logo, a primitiva ocupação recebeu o nome de Mata Cavalos (ou arraial de cima). Entre os anos de 1697 e 1698 e também de 1701 e 1702, a região passou por períodos de fome, interrompendo o crescimento do arraial, que foi abandonado.

Em 1701, somente permaneceram na região Francisco Fernandes, morador do lado esquerdo do ribeirão, e Manuel da Cunha, que residia próximo ao córrego do Lavapés. Somente em 1703, com a venda destas terras, para o português Antônio Pereira Machado, a região volta a ter crescimento, já que ele encontra ouro novamente ali. Destaca-se que em 1701, a paróquia foi estabelecida na capela de Nossa Senhora do Carmo, atendendo a uma solicitação realizada no ano de 1698. Logo começou o povoamento do local, com o aumento progressivo da população em busca do precioso metal, levando à formação de dois núcleos de povoamento, o conhecido Mata Cavalos e São Gonçalo, que posteriormente se uniram para formar o Arraial de Nossa Senhora do Ribeirão do Carmo. No mapa abaixo (Figura 5), de autoria de Cláudia Damasceno Fonseca, é possível observar a formação inicial do Arraial de Ribeirão do Carmo, antes de sua elevação à categoria de Vila.

Destaca-se, na parte superior do mapa, o chamado Arraial de Cima, a região de Mata Cavalos, onde está localizada a Capela de Nossa Senhora do Carmo e a rua São Gonçalo, onde está localizada a capela de mesmo nome. Na região de Mata Cavalos, estava localizada a primeira Rua Direita da cidade de Mariana que, mais tarde, fora transferida para outra parte da cidade, na qual se encontra até os dias atuais. A antiga rua se ligava com a rua dos açougues e a do Piolho, onde moravam os primeiros nobres da região.

Esta via, apesar do nome, um tanto quanto pejorativo, segundo Diogo de Vasconcellos, era habitada por "pessoas notáveis", talvez por se tratar de uma continuação da rua Direita (primitiva), que foi o local de residência dos primeiros "nobres", bandeirantes paulistas. Era a rua do Piolho que fazia a ligação entre o arraial velho (de Cima) e a Conceição, pois a atual rua Direita "era então um simples caminho, mal preparado, sem a ponte [Ponte de Areia] atual" e conhecido como "caminho de cima". (VASCONCELLOS, 1974, *apud* FONSECA, 1998, p.32).

Ademais, é importante ressaltar que no mapa síntese é possível localizar a região para onde a antiga rua Direita foi transferida, que antes era chamado de "Caminho de cima" (circulado em vermelho), paralelo à Rua dos Piolhos. Destaca-se então que a atual rua Direita está localizada na área que, nos primórdios da formação da cidade de Mariana, era conhecida como Arraial de Baixo. Também é possível observar o local onde se assentou a Matriz, antes Capela de Conceição (circulado em azul).

Estes fatos se confirmam pela proximidade da Capela de Conceição com o “caminho de cima”. Através desta observação e do mapa em geral, tem-se que o Arraial de Ribeirão do Carmo, até 1711, tem sua povoação consolidada nas margens do Ribeirão do Carmo e, somente nos anos seguintes, sua expansão para outros locais da região. No ano de 1711, o arraial foi elevado à categoria de Vila, recebendo o nome de Vila do Ribeirão de Nossa Senhora do Carmos, o que levou à construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção, com ampliação da antiga Capela de Conceição, entre os anos de 1712 e 1718 e hoje reconhecida como Catedral Basílica da Sé. Neste momento, a vila começa a crescer pelos lados da Igreja Matriz, iniciando a ocupação do que hoje é conhecido como centro histórico. Deste modo, com a elevação à categoria de vila, fez-se necessária também a construção de uma Casa de Câmara e Cadeia, que ganhou seu espaço definitivo no ano de 1798, depois de uma obra com início em 1768, de projeto e execução de José Pereira Arouca.

Com a construção da Matriz no Arraial de Baixo, assim como os prédios públicos e administrativos, e o crescimento da Vila começando a se concentrar naquela região, o chamado Arraial de Cima tem seu desenvolvimento estagnado, enquanto o novo núcleo vinha crescendo cada vez mais.

Além da praça, outros locais próximos à matriz das vilas tendiam, com o tempo, a se valorizar. A atual rua Direita, a mais "nobre" das vias setecentistas de Mariana, era, então, apenas, o "caminho de cima" como foi mencionado; seus sobrados bem cuidados só foram construídos décadas depois da criação da Vila. Mas, a partir da mudança da matriz para a capela da Conceição, o antigo caminho ganhou importância: a utilização repetida do nome "Direita", se justifica, segundo Diogo de Vasconcellos, por um costume secular de atribuí-lo à via principal que dava acesso à matriz dos povoados (mesmo sendo seu traçado, em geral, irregular). Transferindo-se a matriz de Mata Cavalos para o "arraial de baixo", transferiu-se, conseqüentemente, a Rua Direita. (VASCONCELLOS, 1974 *apud* FONSECA, 1998, p.37)

Por volta do ano de 1743, a região de mata cavalos, juntamente com a rua dos piolhos, passa por uma série de enchentes que culminam na destruição de boa parte de suas construções, levando à reinstalação daqueles que ainda residiam ali para a região que cresceu próximo à matriz. Já no ano de 1745, com a elevação da Vila de Ribeirão do Carmo à categoria de cidade, que recebe o nome de Mariana, em homenagem à Maria Ana de Áustria, rainha de Portugal, a cidade também recebe um novo plano urbanístico, com projeto atribuído a José Fernandes Alpoim, em traçado urbano ortogonal, com quadras definidas e arruamento da Rua Direita. Com o novo plano, tem-se lotes simétricos e blocos de rua uniformes.

Ressalta-se que a decisão da criação de um novo plano urbanístico para a cidade de Mariana muito se fez necessária pela decisão de Dom João V de instalar em Vila do Carmo a sede do novo bispado, que deveria ser acolhida em uma cidade “nova”, com estrutura suficiente para recebê-la.

No projeto atribuído a Alpoim (figura 6), as linhas preenchidas em rosa referem-se às ruas da cidade, onde a indicada com o número 6 trata-se da Rua Direita, e o que está preenchido em vermelho são as edificações de cunho religioso e institucional, onde destaca-se a Igreja da Sé (número 1), Igreja de São Francisco (número 2), Igreja do Carmo (número 3) e Casa de Câmara e Cadeia (número 12). Em cinza, estão as demarcações dos lotes. Segundo Cláudia Damasceno Fonseca (1998, p. 48), o projeto proposto e o traçado indicado na planta não correspondem exatamente ao que de fato foi executado na cidade.

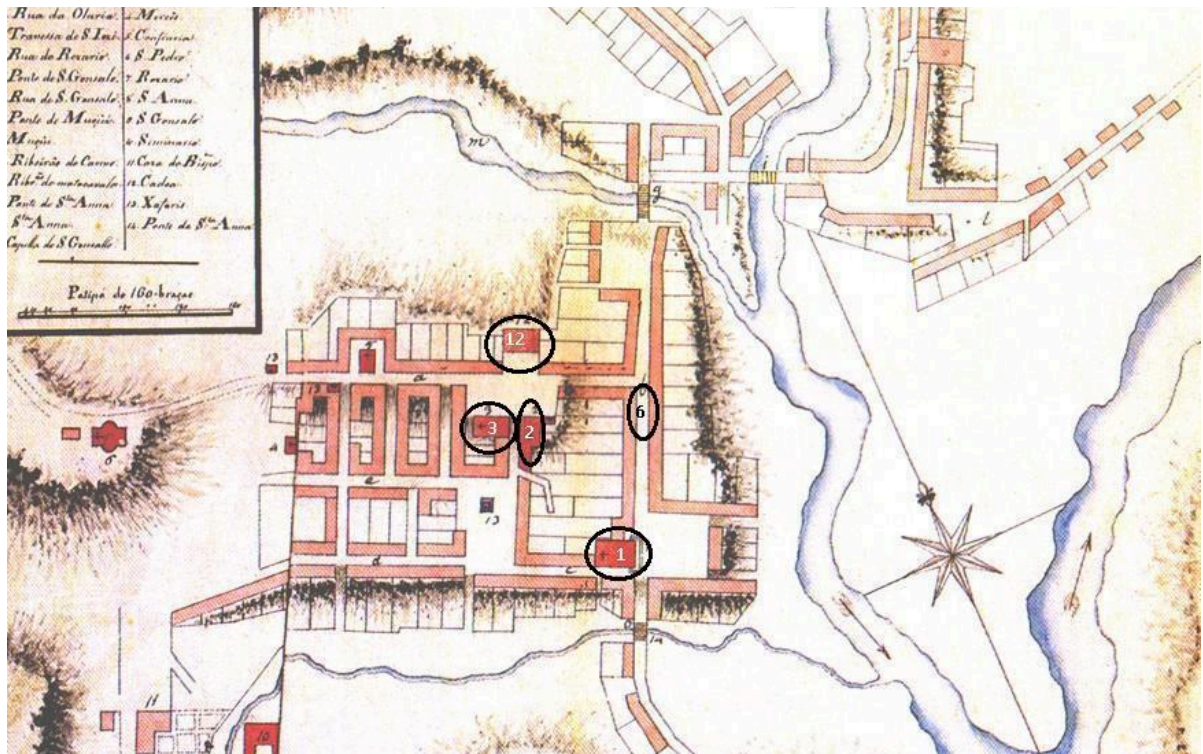


Figura 6: Planta urbana da cidade de Mariana, atribuída à José Fernandes Alpoim
Fonte: COMPAT Mariana, s/d.

Com a reconfiguração do centro histórico de Mariana, tem-se a o arruamento da Rua Direita, que fora transferida para perto da Matriz, como indicado no mapa síntese de autoria de Cláudia Damasceno Fonseca (figura 9).

Em Mariana também há uma exceção à movimentada regra geral das fachadas mineiras: a Rua Direita. O antigo "caminho de cima", segundo Salomão de Vasconcellos, só recebeu sua feição atual a partir de 1745, quando ele foi "arruado" (regularizado) segundo o plano de Alpoim. O autor afirmou, baseado em um

acórdão da câmara, que as construções atuais só teriam sido iniciadas em 1753. Este documento, segundo o historiador, determinava que todos os pretendentes a edificações do lado esquerdo da rua as fizessem "de maior nobreza, dando fundos para o Palácio" (o de Assumar, que se tornou mais tarde residência episcopal). O autor conclui que "essa é a razão de vermos até hoje todas as casas desse lado da rua, de dois andares e de sacadas; enquanto do lado oposto, dando para a praia, eram e são no geral, casas baixas, de um só pavimento" (VASCONCELLOS, 1947 *apud* FONSECA, 1998, p.47).

Ali, concentravam-se as moradas de importantes nomes da cidade, como a casa do Barão de Pontal (figura 7), atualmente uma das mais importantes construções da rua por suas diferenças arquitetônicas internas, com a criação de pátios para iluminação, bem como os ornamentos de sua sacada rendada de pedra sabão. Além desta, tem-se também a casa do escritor Alphonsus de Guimarães (figura 7) que, quando nomeado Juiz Substituto da Comarca de Mariana, mudou-se para lá. Atualmente, sua casa é um museu em sua homenagem. Outro prédio importante é a Casa Setecentista, atual prédio do IPHAN de Mariana, localizado imediatamente ao lado da Matriz. Destaca-se também o prédio da sede da Banda União 15 de Novembro (figura 8), o único exemplar eclético da rua, que chama a atenção por suas diferenças arquitetônicas quando comparado com as demais construções ao seu redor. Em sua grande maioria, as casas da rua eram moradias no andar superior, e funcionavam como comércio no andar térreo, conformação percebida até os dias atuais.



Figura 7: Casa do Barão de Pontal e Casa do escritor Alphonsus de Guimarães.
Fonte: Autora, 2024.



Figura 8: Sede da Banda União XV de Novembro.
Fonte: Autora, 2024.

No mapa síntese da cidade de Mariana (1745-1800), tem-se o que foi realmente executado na construção da cidade. A região hachurada trata-se da área de alagamento do Arraial velho (de cima), o Arraial de Baixo (cidade de Mariana) encontra-se mais desenvolvido, com novas edificações, sendo elas: Casa de Câmara e Cadeia (17), Capela das Mercês (18), Capela da Arquiconfraria (19), Seminário (20), Igreja de São Pedro (21), Igreja do Rosário (22), Aljube (23), Igreja de São Francisco (24) e Igreja do Carmo (25).

Por volta do ano de 1750, tem-se registro do início do declínio da exploração aurífera em Minas Gerais. Muitos fatores levaram à rápida ascensão e queda da mineração do metal precioso, sendo um deles o despreparo da coroa portuguesa em administrar a exploração, cobrando impostos altíssimos dos mineradores, como o quinto que definia que 20% do produto líquido extraído deveria das minas deveria ser destinado aos cofres da Coroa.

Nos primeiros anos deste sistema, lucraram os mineiros, visto que a cota mínima de 100 arrobas foi ultrapassada, ficando um excedente na colônia. Porém, com o declínio da mineração já em meados da década de 1750, agravado no decênio seguinte, a situação tomou rumos dramáticos. Já em 1757/8 verificou-se déficit na arrecadação. Até 1762/3 o resultado de 100 arrobas consegue ser obtido em alguns anos e em outros não. Desta data em diante, nunca mais a arrecadação alcançou a cota mínima estipulada. (MAGALHÃES, s/d, p.13)

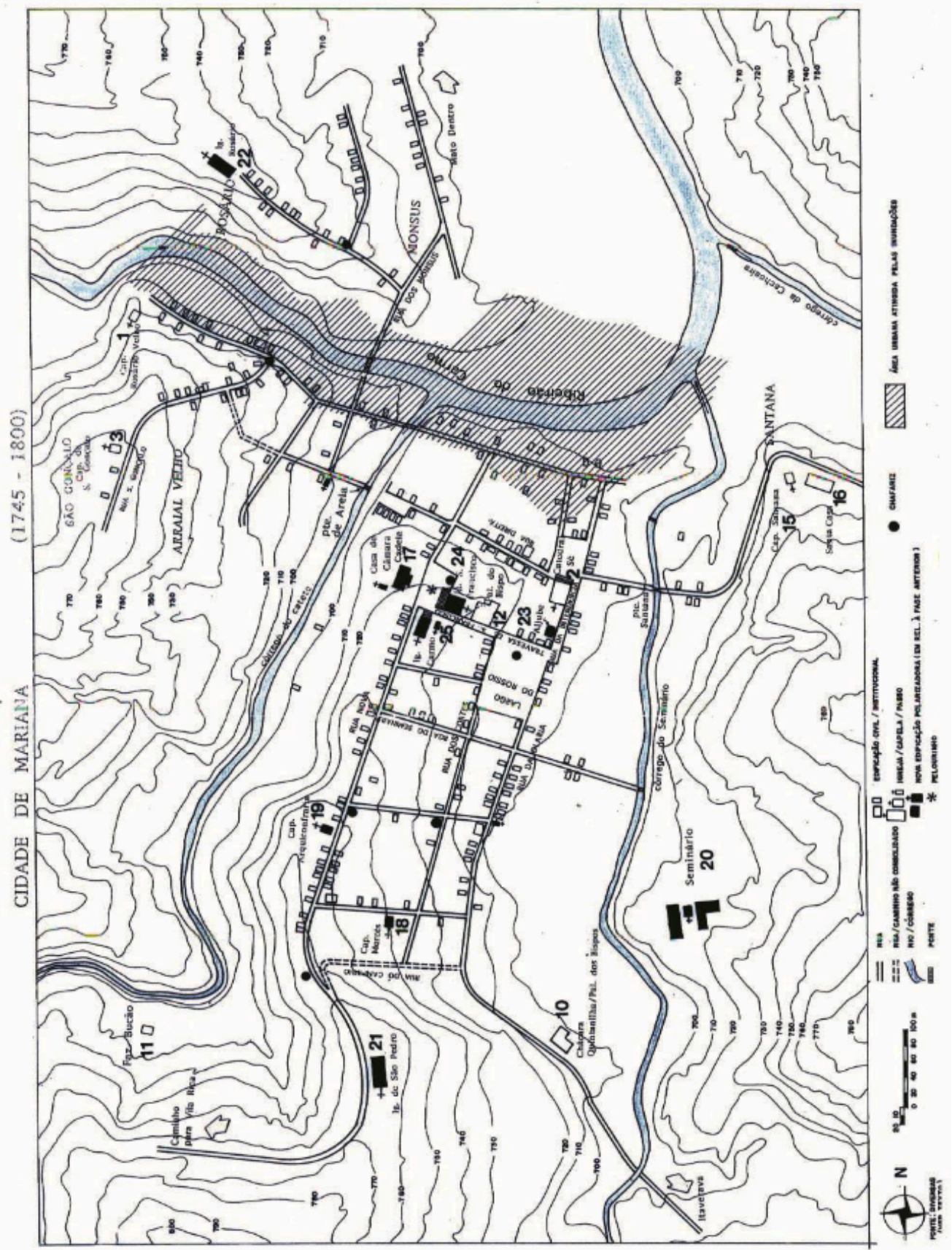


Figura 9: Mapa síntese da cidade de Mariana (1745 - 1800)
Fonte: Cláudia Damasceno Fonseca, 1998.

Com o declínio na exploração do ouro e a queda do antigo sistema de governo, levando à proclamação da república no século XIX, a transferência da capital mineira para Belo Horizonte fez diminuir significativamente a população de cidades como Ouro Preto e Mariana, mudando sua realidade e modo de viver.

2 AS ESQUADRIAS: TERMOS E DEFINIÇÕES FUNDAMENTAIS

O modo de construir, configurações de plantas, elementos artísticos e uso de certos materiais são um importante marcador do tempo dentro do campo da construção civil. Deste modo, destaca-se também a importância de se observar, para além de materiais e técnicas construtivas, as formas como se apresentavam as fachadas das residências dentro do estudo sobre edificações do período colonial. É importante observar o ritmo destas construções, a relação entre cheios e vazios nas fachadas e os usos que estas edificações tinham dentro do cenário daquela época.

No contexto da rua Direita em Mariana, observa-se a existência de inúmeros sobrados de dois pavimentos que, em sua grande maioria, possuíam o andar térreo destinado para comércio. Deste modo, é possível perceber que as esquadrias do primeiro pavimento eram mais simplificadas, geralmente com vergas retas e menos rebuscadas, diferente das esquadrias do segundo pavimento, que possuíam mais detalhes decorativos e de acabamento (figura 10).



Figura 10: Contraste da simplificação das esquadrias do pavimento térreo em comparação com o segundo pavimento em edificação da rua Direita em Mariana.

Fonte: Autora, 2024.

Sendo assim, nota-se que para além da função de iluminar e ventilar uma residências, as janelas são uma importante ferramenta para decoração e autenticidade das construções dos séculos XVIII e XIX, onde é possível perceber uma certa liberdade dos construtores para composição dos cenários e das fachadas das cidades, compondo as janelas com almofadas, bandeiras, que poderiam ser fixas ou móveis, com diferentes desenhos e o uso de muitas aberturas que, mais tarde, seriam preenchidas com vidros. Ressalta-se que alguns destes elementos, como cimalha e bandeira, não eram componentes obrigatórios da estrutura das janelas (figura 11).

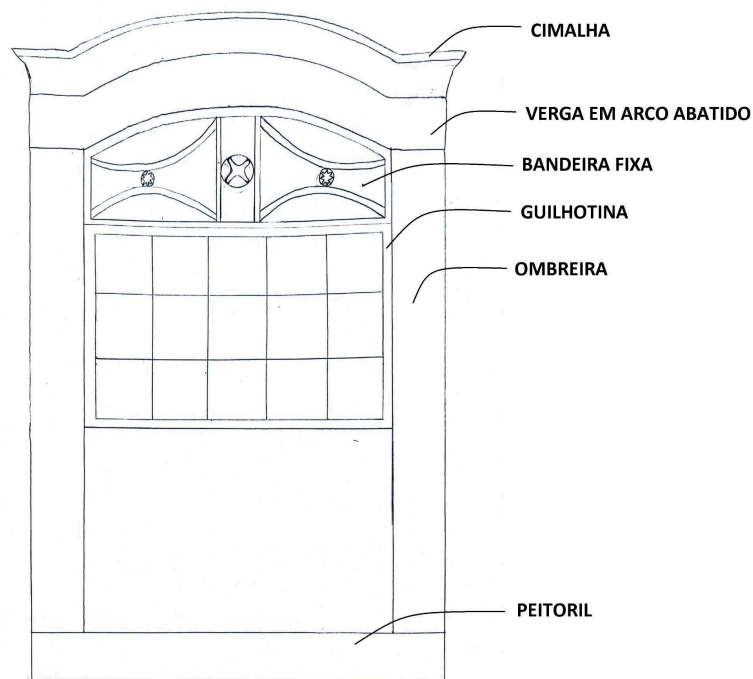


Figura 11: Componentes de uma janela.
Fonte: Autora, 2024.

O vidro nas construções do período colonial inicialmente foi utilizado em Igrejas, para fechamento de óculos, anteriormente ao século XVIII, como afirma Robert Smith em texto publicado na revista de número 17 do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no ano de 1969. Deste modo, segundo Smith (1969, p.106), “na falta de vidros, tinham folhas de madeira em postigos pelo lado interno e uma série de outros elementos característicos. Nas janelas do térreo, como já vimos, usavam-se desde o século XVII, gradis de balaústres retangulares de madeira dispostos em quina”. Ainda conforme Smith (1969, p.110)

No Brasil, as vidraças entraram em uso mais extenso na última década do século XVIII e até o fim do período colonial. Em 1792 ainda não havia no Rio lojas especializadas na venda de vidros. Em 1799, no entanto, já havia nove. Pelos arquivos de várias igrejas importantes do Recife, vê-se que pela mesma época se

iniciou uma campanha para o uso de vidros nas janelas, que deveria durar por mais de uma década.

Sendo assim, tem-se que o uso do vidro nas edificações brasileiros se disseminou a partir do final do século XVIII, ou seja, em algumas edificações da rua Direita, que são anteriores à esta data, o fechamento das aberturas de postigos, por exemplo, era feito com chapas de madeira, e nas janelas de peitoril, possivelmente havia a presença dos balaústres retangulares colocados em quina, e só posteriormente foi realizada a troca destes elementos pelas vidraças.

2.1 Vãos

Segundo o dicionário de engenharia civil, do site engenhariacivil.com, os vãos no campo da construção civil são determinados como os espaços entre elementos estruturais, como pilares, vigas ou paredes, que possibilitam a circulação de pessoas, veículos ou ar dentro de uma construção. Esses vãos estão presentes em diversos componentes construtivos, tais como portas, janelas, aberturas em lajes, pontes, entre outros. A adequada determinação das dimensões dos vãos é essencial para assegurar a estabilidade e a segurança da estrutura, levando em conta variáveis como as cargas aplicadas e as propriedades dos materiais empregados. No entanto, os conceitos de vão antigo e moderno são diferentes, e o presente trabalho entende “vão” como uma abertura feita na parede para inserção de portas e janelas.

Segundo Sylvio de Vasconcellos, os vãos se dividem em janelas, portas, óculos e seteiras. Neste capítulo, trata-se especificamente dos vãos de janelas, podendo ser caracterizados como:

Janelas de peitoris - São as mais comuns, nas quais o vão aberto no pano da parede leva peitoril cheio. Aparecem nas paredes de pau-a-pique, adobos ou tijolos e, mais raramente, nas de pedra e de taipa; Janelas Rasgadas - São as janelas abertas em paredes maciças de grande espessura de modo que as esquadrias ficam colocadas na face externa das paredes, com seus quadros de menor espessura que estas.

Podem ter, neste caso, várias modalidades: a primeira quando o vão é rasgado inteiro, isto é, a parede se abre desde a verga até o piso e o parapeito da janela, sempre vazado, pode ser colocado entre as ombreiras, ficando entalado nelas, (fig. 12 - II) ou sacado para fora. (fig. 12 - III) A janela, pelo menos quanto às folhas, é como uma porta, pois o peitoril desce e se confunde com a soleira. Pode também a parede ser apenas por dentro, mantendo-se cheia por baixo do peitoril, caso em que as folhas não alcançam o piso; Janelas de Canto - Destinam-se à vigia, sendo que por necessidade de planta, podem ocorrer janelas de canto em ângulo (VASCONCELLOS, 1979, P.97)

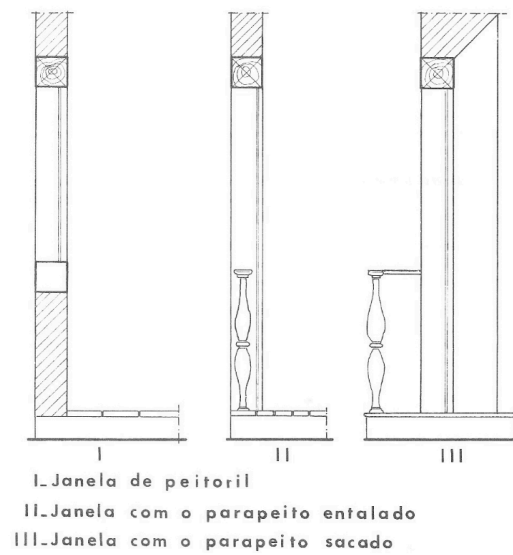


Figura 12: Exemplos de janelas encontradas em construções dos séculos XVIII e XIX
 Fonte: VASCONCELLOS, 1979, p.98.

Em construções mais robustas, onde as paredes são mais espessas, como por exemplo em cadeias nas Casas de Câmara e Cadeia e também em igrejas, era mais comum que as aberturas dos vãos para inserção das esquadrias das janelas fossem feitos com chanfros, para aumentar a luminosidade que entrava no ambiente. Nestes casos, também era comum encontrar as janelas com conversadeiras, que combinavam a abertura destes vãos com uma projeção inferior, fornecendo uma superfície para assento ou apoio (Figura 13).

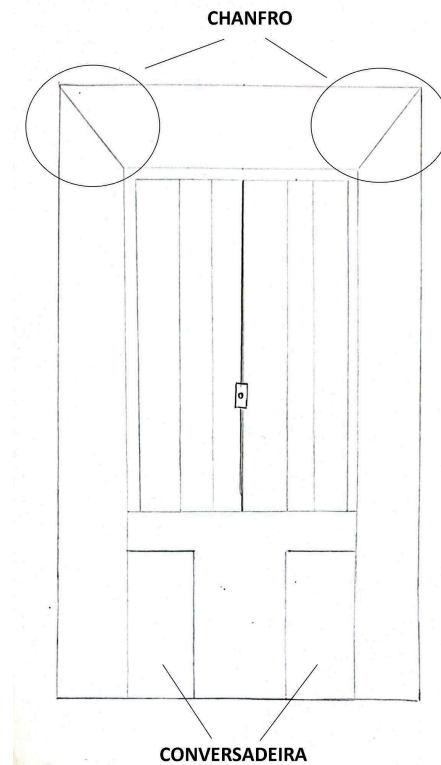


Figura 13: Croqui de janela fictícia com chanfro e conversadeira.
 Fonte: Autora, 2024.

Ademais, destaca-se também que os vãos são compostos por quatro elementos, sendo eles vergas¹, ombreiras², peitoris³ e soleiras⁴. A depender do tipo de janela, poderia conter peitoril entalado com gradil de madeira ou ferro, peitoril cheio e também as sacadas, quando o peitoril era projetado para fora da janela, também com gradis (figura 14).



Figura 14: Janelas com peitoril entalado, na rua Barão de Camargos e com sacada, na rua Direita. Ambas em Mariana.

Fonte: Autora, 2022 e 2024.

A respeito das sacadas, quando se tem várias unidas, incluindo vários vãos, estas recebem o nome de sacada corrida. Possuem largura de 0,30 m em sua grande maioria, não permitindo o trânsito livre entre os vãos. Quando a largura da sacada passa de 0,30 m, estas levam o nome de balcão, permitindo o trânsito e podendo receber cobertura de telhado. Para sustentação da carga, as sacadas possuíam um reforço estrutural no piso, também denominado de bacia, podendo ser de madeira ou pedra (figura 15). Segundo Sylvio de Vasconcellos (1979, p.105), “as bacias podem ser de madeira, sobre balanço de barroamento, sobre cães ou consolos de pedra, em pedra simples ou em alvenaria acabada em massa.”

¹ A "verga" consiste em uma peça horizontal de suporte que é colocada sobre uma abertura, como uma porta ou uma janela, para distribuir o peso da estrutura acima dela.

² A "ombreira de janela" é uma peça estrutural vertical que fica na lateral da abertura de uma janela, situada entre a verga (parte superior) e o peitoril (parte inferior). Sua função é fornecer suporte e estabilidade à estrutura da janela, além de servir como apoio para as partes móveis da janela.

³ O "peitoril" é a estrutura ou superfície horizontal na parte inferior de uma janela.

⁴ A "soleira" é a parte inferior de uma abertura, como uma porta ou uma janela, que fica diretamente sobre o piso ou o nível do solo.

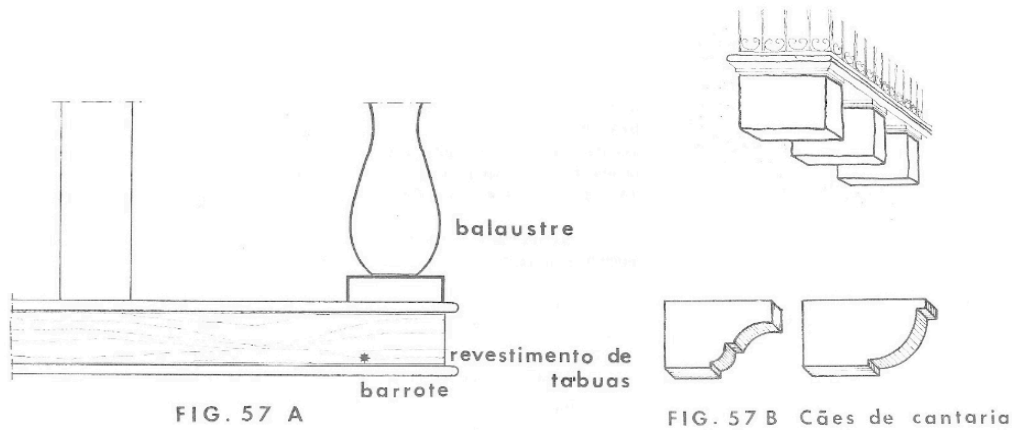


Figura 15: Ilustrações da estrutura de uma sacada.
 Fonte: VASCONCELLOS, 1979, p.106.

Quanto aos materiais utilizados no enquadramento dos vãos, o mais comum utilizado na arquitetura mineira era o de madeira, onde as ombreiras poderiam prolongar-se do baldrame ao frechal (ou à madre, caso a edificação tivesse mais de um andar, figura 16), servindo também como um reforço extra à estrutura da construção. Ainda podem ser encontrados enquadramentos de cantaria, onde utiliza-se a peça lisa ou com ornamentos e frisos e também de massa, como encontrado em edifícios ecléticos.

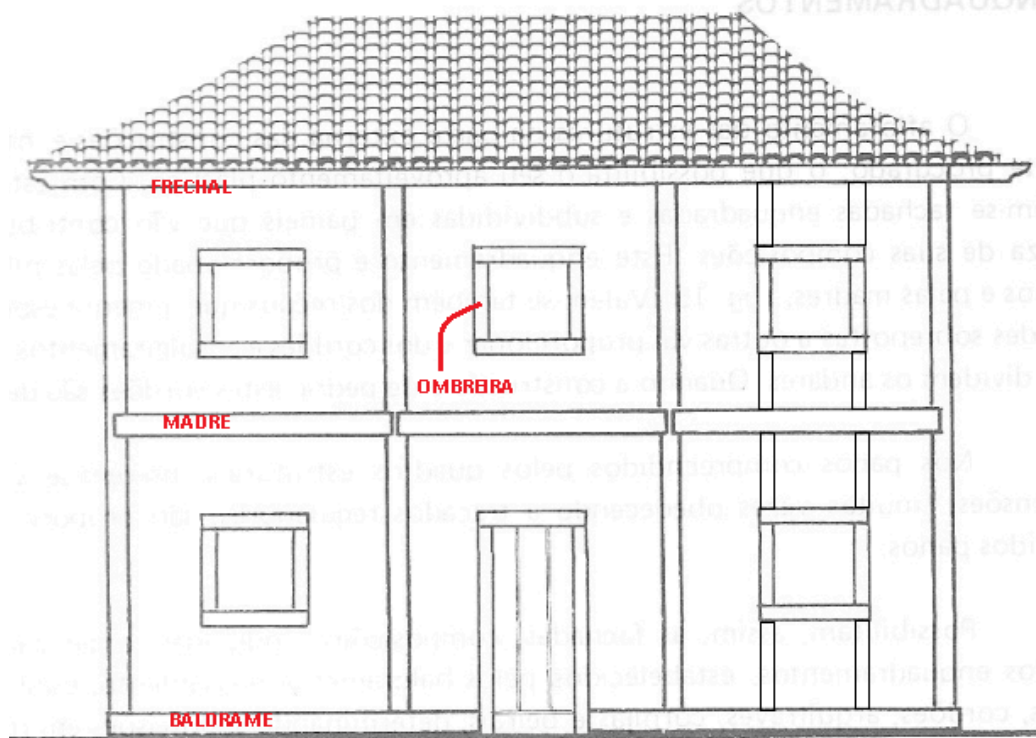


Figura 16: Ilustração do prolongamento de uma ombreira
 Fonte: VASCONCELLOS, 1979, p.38, com alterações da autora.

2.2 Vergas e fechamento das esquadrias

As vergas são peças de madeira ou cantaria, que se apoiam nas ombreiras, para sustentar as cargas que são aplicadas nela pela parede que está acima do vão. Quanto às suas formas, elas podem ser retas e de nível, como as encontradas nas casas mais antigas do período colonial. Mais tarde, surgem as vergas alteadas, que possuem arco de círculo não pleno, também conhecido como arco abatido e, à medida que evoluíram, já no século XIX, passaram a ter arco pleno e também ogivas, pela influência do estilo neo-gótico (figura 17).

Aparecem também outros tipos, como o ogival, consequente da tentativa de neogoticismo, o de dois ou mais centros ou o que tem curvas interrompidas por segmentos retos. As vergas curvas de ponto rebaixado podem ser de três centros, isto é, aparece uma curva de concordância entre o arco e seu apoio na ombreira pelo lado de baixo. Ocorrem, ainda, vergas triangulares formadas por dois segmentos de retas. (VASCONCELLOS, 1979, p.107)

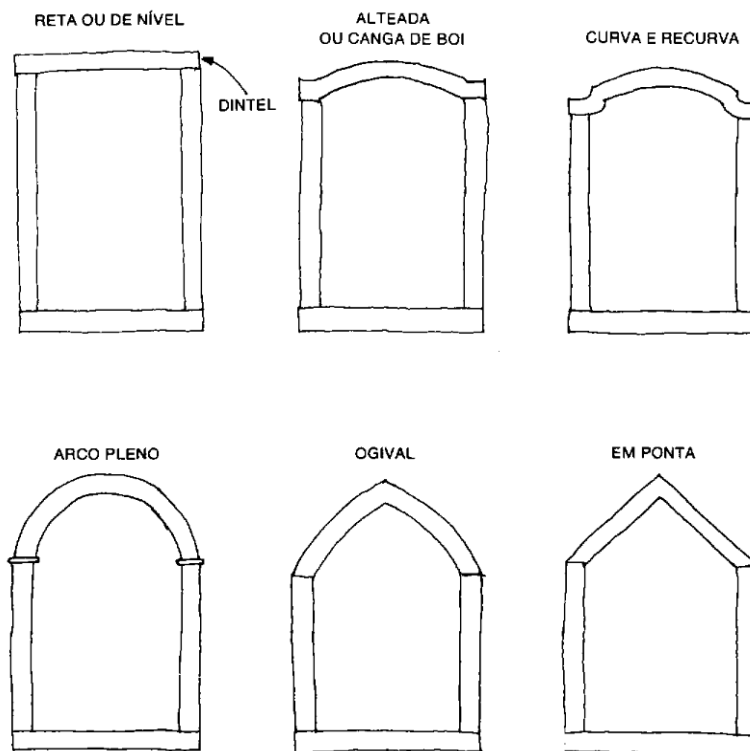


Figura 17: Tipos de vergas.
Fonte: ÁVILLA, 1980, p.96.

Quanto ao fechamento dos vãos das janelas, estes são feitos com esquadrias, que são o conjunto de peças de madeira maciça que fecham os vãos. São compostas por marcos ou caixões, alizares e folhas de fechamento (figura 18)” (KLÜPPEL; SANTANA, 2017, p.218). Deste modo, as folhas de fechamentos podem ser dos seguintes tipos (KLÜPPEL; SANTANA, 2017, p.220):

- a) Calha: são aquelas que possuem taboado em comprido, onde as travessas de madeira podem ser fixadas no tardo ou embutidas, quando o taboado for mais grosso.
- b) Almofadada: tipo de janela com estrutura protuberante, criando efeito tridimensional semelhante a uma almofada. Essa característica é geralmente alcançada através da instalação de um enquadramento proeminente que se estende além da janela.
- c) Postigo: estrutura de almofada móvel, que pode ser acrescida de caixilho de vidro pelo lado de fora da janela. É uma seção menor da janela que pode ser basculada para fora para permitir a entrada de ar fresco enquanto mantém a janela principal fechada.
- d) Guilhotina: são folhas de madeira, equipados com caixilhos de vidro, que deslizam ao longo de trilhos verticais e são destinados especificamente para uso em janelas.
- e) Rótula: são estruturas que permitem que a folha da janela gire em torno de um eixo horizontal, colocado na sua parte superior.
- f) Gelosia: são estruturas que permitem que a folha da janela gire em torno de eixos verticais, colocados em suas laterais.
- g) Treliças: são elementos de vedação compostos de fasquias, taliscas ou régua de madeira, de seção semicircular, pregadas umas sobre as outras, formando malha quadrada ou em diagonal, sustentada pelo enquadramento.

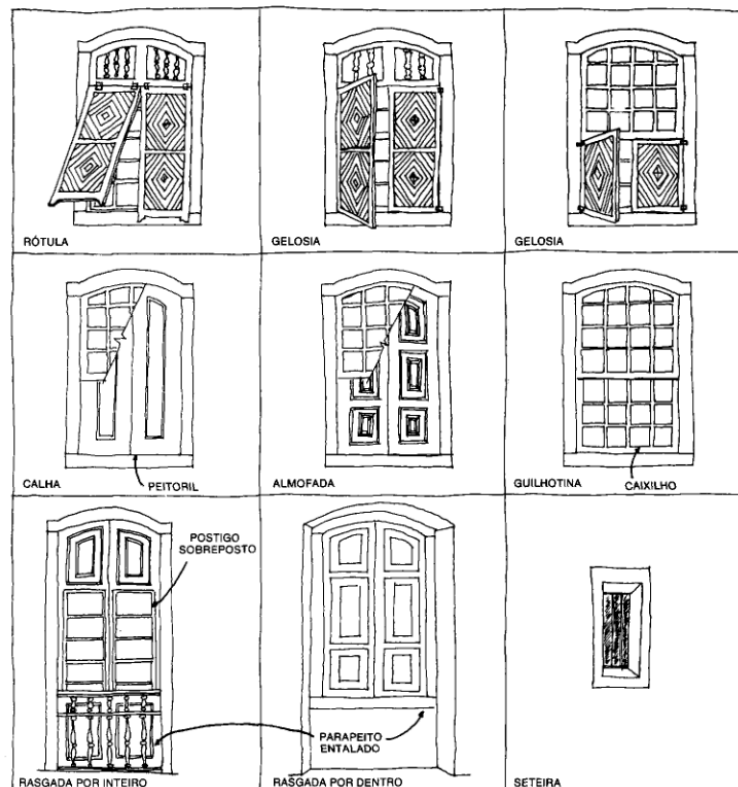


Figura 18: Tipos de fechamentos de janelas.

Fonte: ÁVILLA, 1980, p.56.

3 AS ESQUADRIAS: SISTEMAS E ESTÉTICA NA RUA DIREITA EM MARIANA/MG

A Rua Direita mantém sua relevância como um ponto crucial em Mariana, por situar-se na área central da cidade, além de ser um espaço altamente comercial, com estabelecimentos como lojas de roupas, papelarias, cafeterias, cartórios, a sede do IPHAN e o Centro de Atenção ao Turismo (CAT). A rua também é palco de diversas celebrações religiosas e procissões, com destaque para os eventos da Semana Santa, nos quais a rua se destaca pela elaboração de tapetes de serragem com temas católicos pela população local. Assim, evidencia-se que a Rua Direita (figura 19) serve tanto como um polo turístico quanto como um centro de atividades diárias para os habitantes da cidade.



Figura 19: Rua Direita vista da janela do coro da Catedral da Sé.
Fonte: Autora, 2022.

Os sobrados da Rua Direita, em Mariana, são marcados por sacadas de madeira, ferro e pedra sabão. As esquadrias das portas e janelas são de madeira, pedra sabão ou argamassa, geralmente de verga reta ou arco abatido. Algumas possuem bandeiras, com desenhos variados e cimbalhas. Os telhados possuem telha de barro e beiral em cachorrada. Atualmente, o calçamento da rua é em paralelepípedo, e a iluminação é subterrânea, feita através de arandelas nas fachadas, o que diminui o impacto visual de fios e postes. É possível perceber uma uniformidade no conjunto construído, principalmente no lado esquerdo da rua, onde as

construções são praticamente todas de 2 pavimentos, com alinhamento das alturas dos beirais e o preenchimento das fachadas pelas sacadas. Um ponto importante a se destacar é quanto ao trânsito de carros e caminhões na via (figura 20), que se demonstra intenso ao longo do dia, principalmente em horários de pico (7h, 12h e 17h), e também o fato de que, por toda a extensão da rua, há estacionamento para veículos (figura 20), que não interferem no trânsito de pedestres, já que as calçadas possuem tamanho e largura suficientes para o tráfego de pessoas.



Figura 20: Trânsito e estacionamento de veículos na rua Direita.
Fonte: Autora, 2024.

Para a construção do inventário das janelas da Rua Direita, o perímetro delimitado para seleção das edificações que nele serão contempladas consiste na faixa da rua que vai da casa Setecentista, imediatamente à direita da Catedral Basílica da Sé até a interseção com a rua do Catete, onde foram selecionadas 10 edificações para a realização do levantamento das janelas (figura 21). Foram escolhidas 10 construções pois este número se fez suficiente para contemplar os exemplares mais comuns utilizados, bem como aqueles que mais chamam atenção, seja por suas particularidades, como o caso do conjunto de janela e sacada da casa do Barão de Pontal, ou pelas características construtivas pertencentes a outros estilos, como o eclético, encontrado na sede da Banda União XV de Novembro.

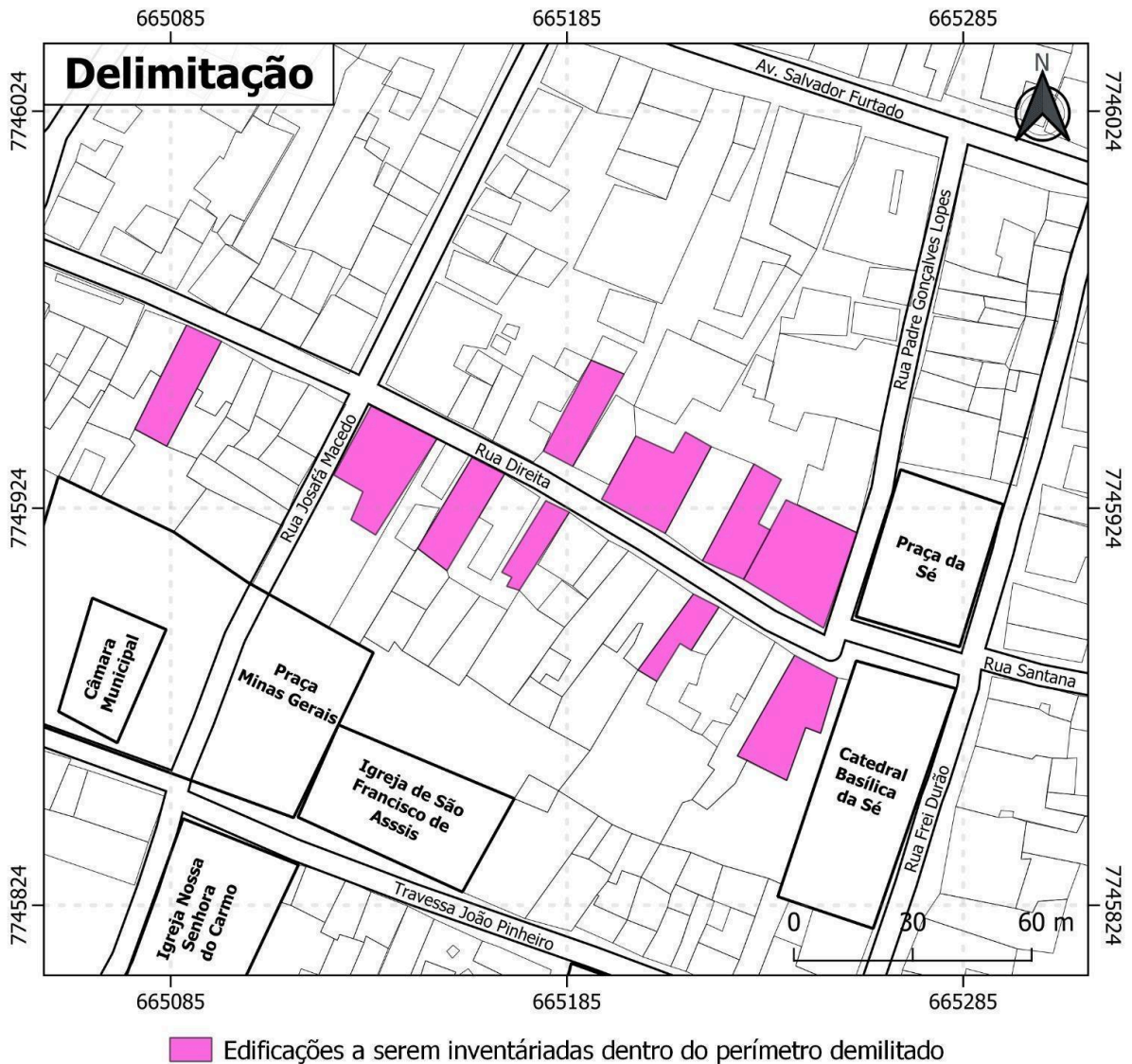


Figura 21: Edificações selecionadas para levantamento no perímetro da Rua Direita.
Fonte: Autora, 2024.

Quanto aos dados levantados para elaboração do inventário, tem-se informações como uso e função das edificações, número de pavimentos e também tipos de janelas. Estas informações estão contidas em representações esquemáticas do perímetro escolhido, destinadas para a reunião destes dados de forma mais ilustrativa, indicando estas características em suas respectivas edificações.

Se tratando dos usos e funções destas construções dentro do cenário da rua Direita, tem-se que esta via agrega muitos comércios em toda a sua extensão, que encontram-se no andar térreo destas edificações, podendo ser papelarias, lojas de roupa e acessórios, sapatarias, cafés, entre outros (figura 22). Também é possível encontrar alguns prédios públicos, como o Centro de Atenção ao Turismo (CAT), a Associação Marianense de Artistas Plásticos

(AMAP), o escritório do IPHAN de Mariana e também o museu casa de Alphonsus de Guimarães. Por fim, destaca-se também o uso residencial, geralmente no segundo pavimento.

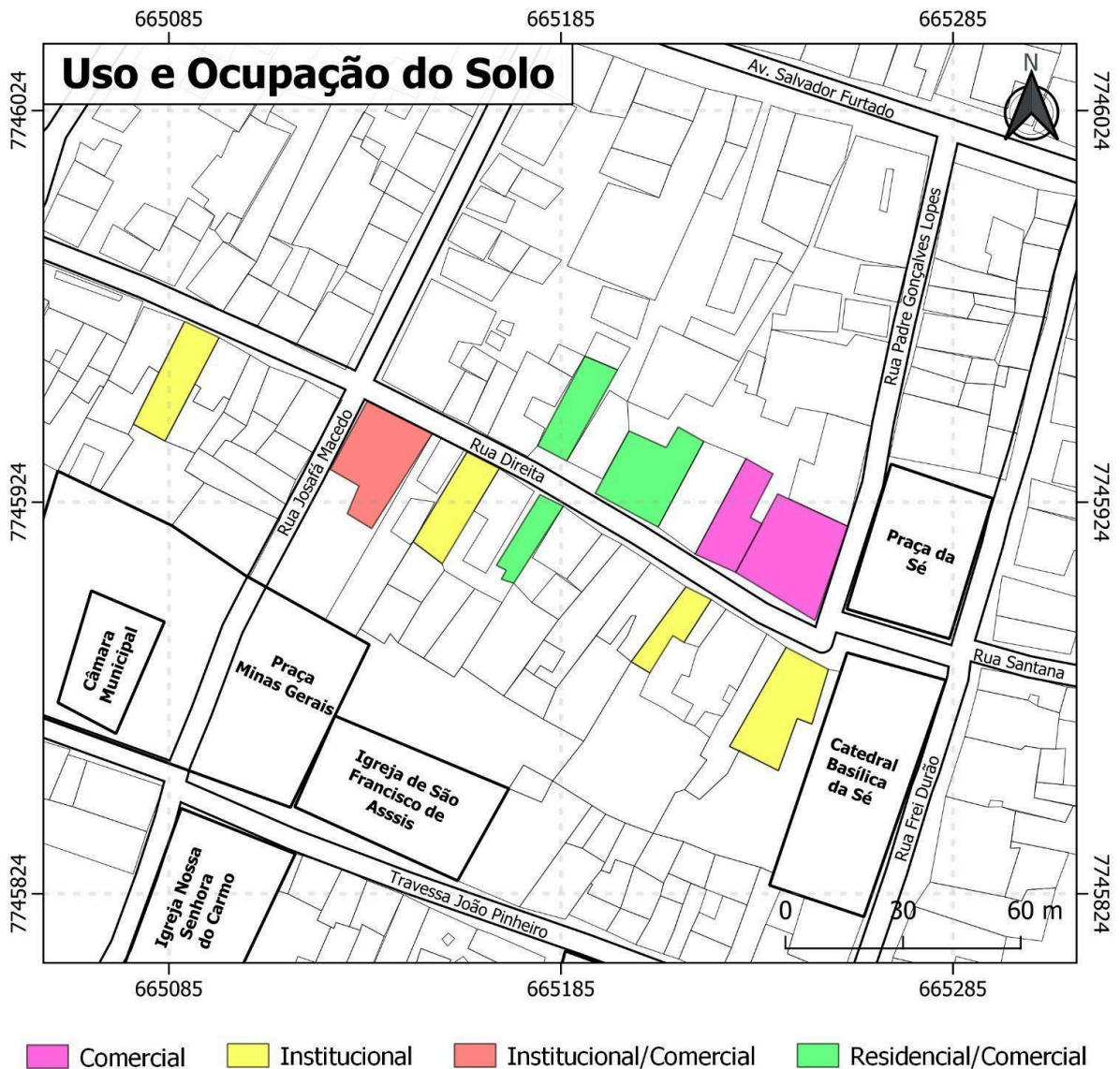


Figura 22: Usos e funções das edificações selecionadas para levantamento no perímetro da Rua Direita.

Fonte: Autora, 2024.

Quanto ao número de pavimentos, tem-se predominância das edificações com dois pavimentos, seguidos dos imóveis de um pavimento e alguns exemplares com três pavimentos, sendo estes pouco expressivos (figura 23). O fato desta predominância de imóveis com mais de um pavimento explica o grande uso comercial daquela região, além da localização privilegiada.

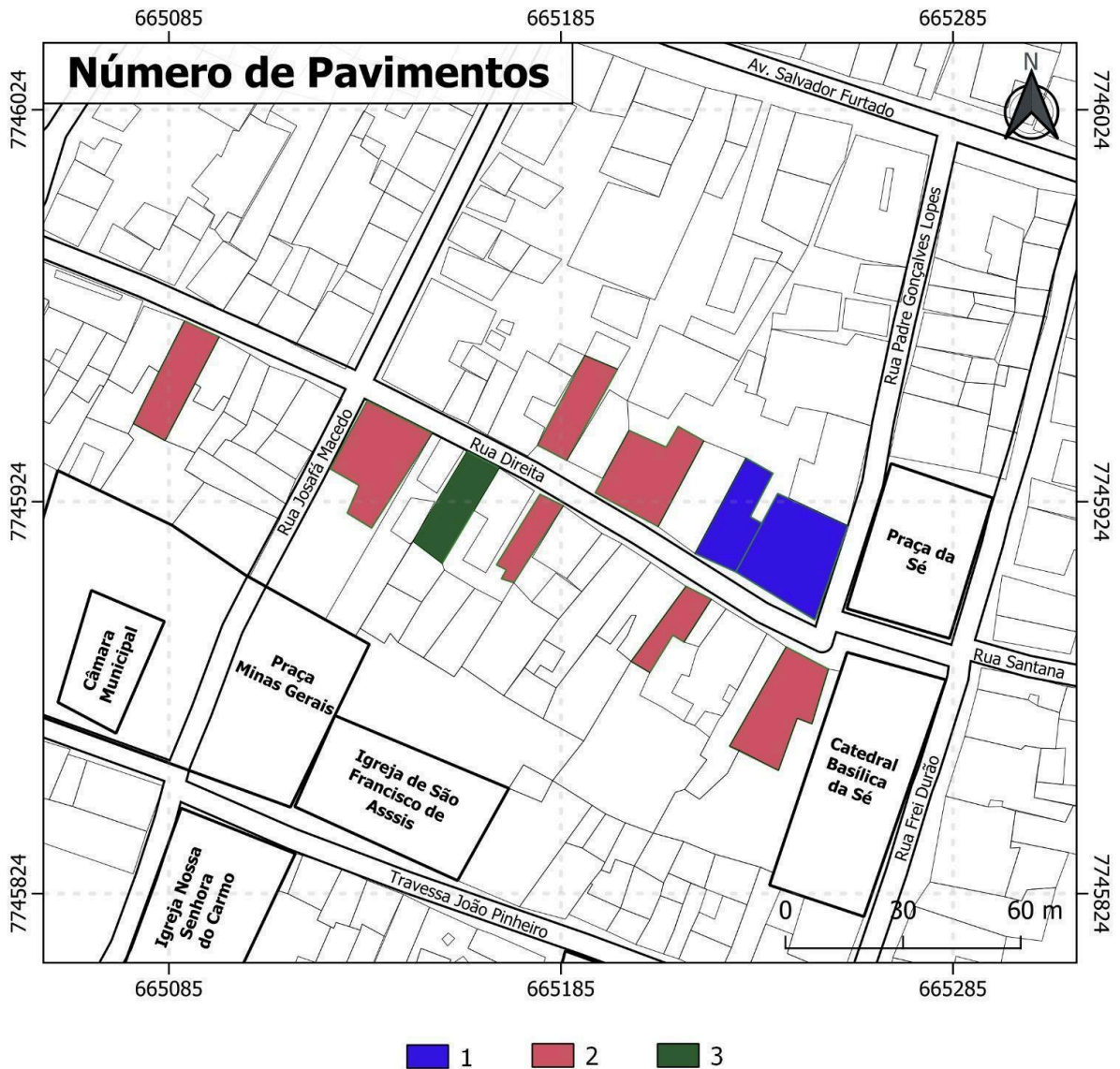


Figura 23: Número de pavimentos das edificações selecionadas para levantamento no perímetro da Rua Direita.
Fonte: Autora, 2024.

Os tipos de janelas encontrados na rua Direita, em sua grande maioria, são de parapeito sacado, seguido das janelas de peitoril, estas encontradas mais em casas térreas (figura 24). Pela predominância de edificações com dois pavimentos, explica-se o maior uso de janelas de parapeito, características em sobrados do período colonial.

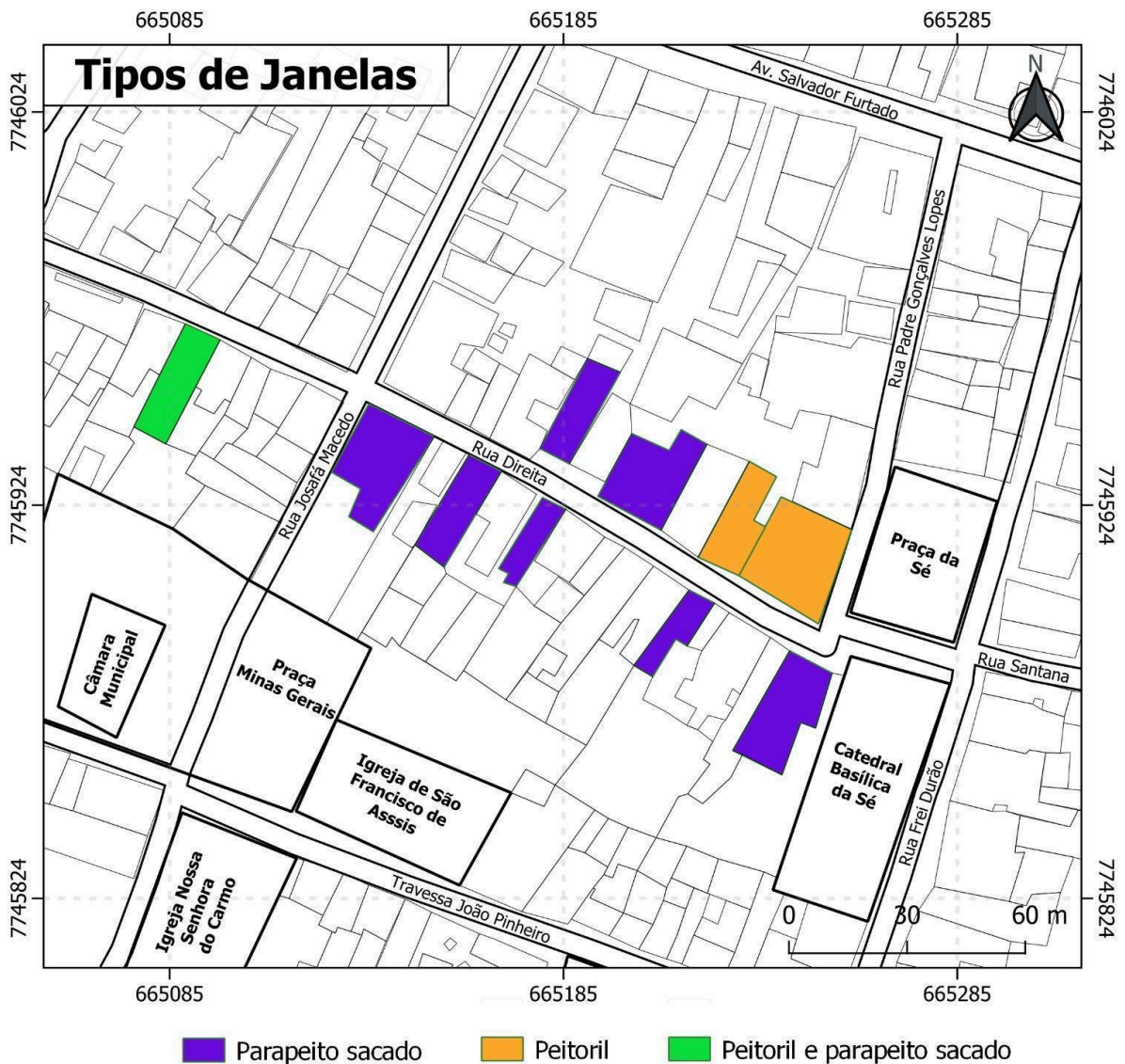


Figura 24: Tipos de janelas das edificações selecionadas para levantamento no perímetro da Rua Direita.
Fonte: Autora, 2024.

Ao analisar as construções presentes na rua Direita, em Mariana, tem-se a predominância do uso de janelas de verga reta e em arco abatido. Algumas podem ter acréscimo de cimalthas, e a maioria são de parapeito sacado, devido ao tipo das construções, que no perímetro escolhido, caracterizam-se como edificações de dois andares, onde o térreo funciona como comércio e o segundo pavimento como morada. São poucos os exemplares ecléticos ou de vergas diferentes, bem como as construções térreas.

Quanto aos tipos de janelas, como citado acima, a maioria são de parapeito sacado, podendo estes conterem gradis de ferro, madeira ou pedra sabão. Geralmente as janelas abrem em duas folhas, com detalhes em vidros e almofadas. O material utilizado para confecção destas é predominantemente de madeira. Podem conter também bandeiras com recortes e acabamento de vidro, bem como postigo. Algumas possuem esquadrias de pedra ou

argamassa, possivelmente de cal e areia. Já as janelas de casas térreas são de peitoril, a maioria com verga reta, confeccionadas em madeira, com acabamento mais simples. Há um exemplar de casa térrea com janela com verga em arco pleno, possuindo bandeira, fechamento interno em folha de madeira, externo em folha com vidros e acabamento em massa nas esquadrias. Percebe-se também variadas colorações aplicadas nas janelas e esquadrias, com tons de amarelo, verde, vinho, azul, branco, entre outros.

Quanto aos gradis das sacadas, estes podem ser de ferro fundido com desenhos simples (figura 25), madeira, com recortes também simples, balaústres de massa e também de pedra sabão, como é o caso da emblemática sacada presente no casarão do Barão de Pontal, exemplar único encontrado na rua Direita (figuras 26 e 27). As bacias das sacadas são de madeira ou pedra, com acabamentos variados.



Figura 25: Gradis da Rua Direita.
Fonte: Autora, 2024.



Figura 26: Desenho da casa do Barão de Pontal na Rua Direita.
Fonte: Mateus Maia⁵, 2023.

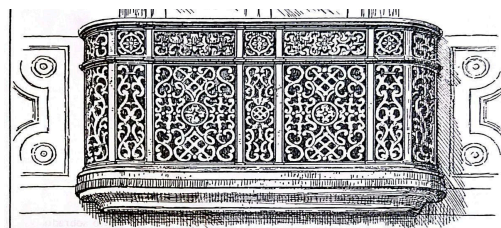


Figura 27: Detalhe da sacada de pedra sabão da casa do Barão de Pontal.
Fonte: José Wasth Rodrigues, 1945.

⁵ É possível encontrar o autor deste desenho, bem como outras de suas obras, no seu perfil de instagram: @mateusmaiaarq.

4 INVENTÁRIO

Para a reunião e sistematização das informações obtidas, foram produzidas fichas de inventário contendo informações como localização, descrição do imóvel e da janela selecionada, provável época de construção, além de fotos e desenhos (vista e planta) no software AutoCAD. Sendo assim, de modo a tornar possível a realização dos desenhos, foi feito o levantamento das medidas destas janelas, de forma manual, com a utilização de trenas. Os dados obtidos através das medições foram registrados em croquis, anexados ao corpo deste trabalho.

A partir das análises realizadas para a construção do inventário a seguir, foi possível perceber que o tipo de verga mais utilizado na rua Direita foi a verga reta, seguida da verga em arco abatido, e com apenas três exemplares em arco pleno. A grande maioria dos gradis são de madeira e ferro, e um único exemplar é de pedra sabão com recortes, sendo este o presente na casa do Barão de pontal (figura 28), que também possui bandeira fixa e verga em arco abatido, e o conjunto destes elementos faz com que essa janela seja *sui generis*, ou seja, singular no perímetro determinado para o estudo. Outra janela que também apresenta esta singularidade é a da casa de número 86 (figura 28) que, apesar de possuir verga em arco abatido, possui bandeira fixa de madeira com recortes únicos, tornando o seu conjunto *sui generis*.

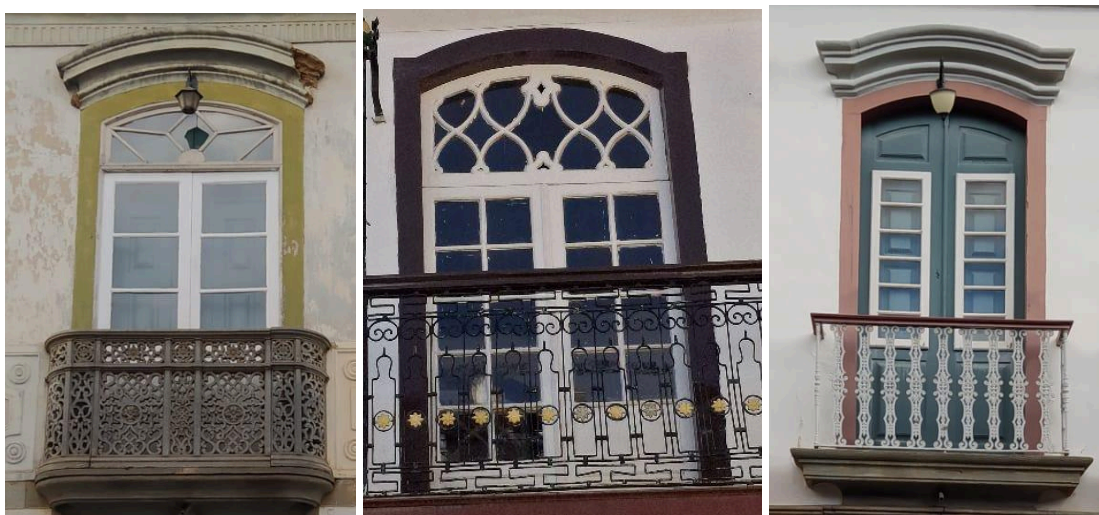


Figura 28: Janela da casa do Barão de Pontal, janela da casa de número 86 e exemplar de janela com arco abatido, respectivamente .

Fonte: Autora, 2024.

No apêndice A estão localizadas as fichas técnicas de inventário realizadas a partir das pesquisas e levantamentos feitos durante este estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho trouxe como objetivo principal o conhecimento das variadas tipologias de janelas presentes na rua Direita, em Mariana, Minas Gerais, trazendo exemplares de construções que vêm desde o século XVIII até o XX e que foram selecionadas para a elaboração de um inventário. Deste modo, conclui-se que estes objetivos foram plenamente alcançados, já que foi possível destacar os materiais utilizados nos marcos e esquadrias das janelas, bem como determinar as tipologias que mais se repetiram nas construções e também aquelas que se demonstraram únicas. Como fruto das informações obtidas durante todas as pesquisas realizadas para este estudo, foi possível montar as fichas de inventário das dez janelas escolhidas para representar a Rua Direita de modo satisfatório. Agora, conhecendo os caminhos para realização das pesquisas e os meios de construção de um inventário, demonstra-se o desejo da autora em expandir essa pesquisa para as demais edificações da rua em trabalhos futuros.

Ademais, destaca-se que os conhecimentos obtidos durante todos os anos no curso de Tecnologia em Conservação e Restauro se mostraram presentes na construção deste trabalho, desde os embasamentos teóricos utilizados na sua contextualização até o processo de confecção dos desenhos em AutoCAD, com técnicas que foram aprendidas e aprimoradas durante as aulas. Deste modo, na ótica da conservação do patrimônio cultural, o inventário se mostra como uma importante ferramenta de salvaguarda das técnicas, características e história do que quer que esteja sendo inventariado, o que, neste caso, tratou-se das janelas da Rua Direita da cidade de Mariana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁVILA, Affonso. GONTIJO, J. M. M; MACHADO, R. G.N. **Barroco Mineiro - Glossário de arquitetura e ornamentação**. São Paulo: Cia Melhoramentos, 1980.

Ipatrimônio. **Casa do Barão de Pontal**, s/d. Disponível em <<https://www.ipatrimonio.org/mariana-casa-do-barao-de-pontal/#!/map=38329&loc=-20.3777220000000006,-43.41695400000001,17>>. Acesso em 05/08/2024.

Ipatrimônio. **Mariana - Conjunto Arquitetônico e Urbanístico**, s/d. Disponível em: <<https://www.ipatrimonio.org/mariana-conjunto-arquitetonico-e-urbanistico/#!/map=38329&loc=-20.37810500000002,-43.41666800000001,17>>. Acesso em 05/08/2024.

KLÜPPEL, Griselda Pinheiro; SANTANA, Mariely Cabral de. **Manual de Conservação Preventiva para Edificações**. Programa Monumenta, IPHAN e UNESCO, 2017. Disponível em <<http://asec.eng.br/wp-content/uploads/2017/10/MANUAL-DE-CONSERVA%C3%87%C3%83O-PREVENTIVA-DE-EDIFICA%C3%87%C3%95ES-1.pdf>>. Acesso em 07/05/2024.

MAGALHÃES, Tiago Luís. **As Minas Gerais e o século do ouro - antecedentes da descoberta do ouro**. FAFICH UFMG, s/d. Disponível em <<https://www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/asminasgeraiseoseculodoouro.pdf>>. Acesso em 10/05/2024.

PEREIRA, Carlos Alberto; TEDESCHI, Denise M. Ribeiro; PEREIRA, Fabrício Luiz; ALFAGALI, Crislayne Gloss M. **O espaço e os construtores de Mariana (séc. XVIII)**. Editora UFOP, 2016. Disponível em <<https://www.editora.ufop.br/index.php/editora/catalog/view/28/17/60-1>>. Acesso em 15/07/2023.

RODRIGUES, José Wash. **Documentário Arquitetônico**. 2ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

SILVA, Carmem da Boaventura da. **Tipologia das Esquadrias de Mariana do Século XVIII ao XX**. Trabalho de Conclusão de Curso em Conservação e Restauro de Bens Imóveis, IFMG Campus Ouro Preto. Ouro Preto, p.111, 2014. Disponível em <[https://restauro.ouopreto.ifmg.edu.br/wp-content/uploads/sites/33/2019/01/Carmem-TCC-FFormatado-Pronto.pdf](https://restauro.ouopreto.ifmg.edu.br/wp-content/uploads/sites/33/2019/01/Carmem-TCC-Formatado-Pronto.pdf)>

SOEIRO, Renato; SMITH, Robert; LACLETTE, René; VALADARES, Clarival do Prado; BELTRÃO, Maria da Conceição M. Coutinho; LARAIA, Roque de Barros; FERREZ, Gilberto; COSTA, Lúcio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, 17. Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1969. Disponível em <<https://docvirt.com/DocReader.net/DocReaderMobile.aspx?bib=reviphan&Pesq=vidro&pagfis=4216>>. Acesso em 06/08/2024.

TELLES, Augusto C. da Silva; GOMES, Geraldo; PEIXOTO, Gustavo Rocha; SEGAWA, Hugo; CURTIS, J. N. B.; DERENJI, Jussara; ABDREÈS, Luiz Phelipe de Carvalho Castro;



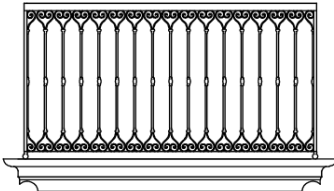
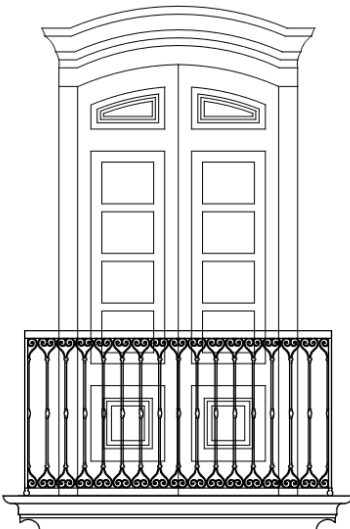
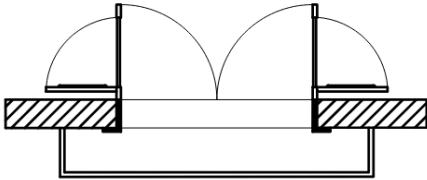
OLIVEIRA, Myriam de Andrade Ribeiro de. **Arquitetura na Formação do Brasil**. UNESCO e IPHAN, 2006. Disponível em <>. Acesso em 03/05/2024.



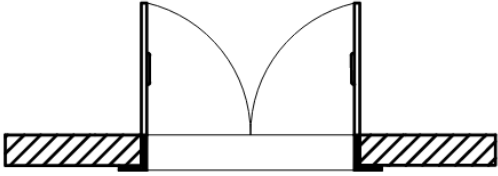
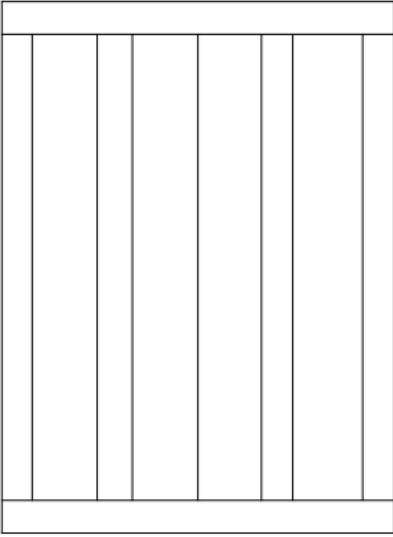
Termo de Mariana: História e Documentação. Volume 1. Mariana: imprensa universitária da UFOP, 1998, 221 p. Disponível em <https://lph.ichs.ufop.br/sites/default/files/lph/files/termo_de_mariana_1.pdf?m=1525724445>. Acesso em 10/06/2024.



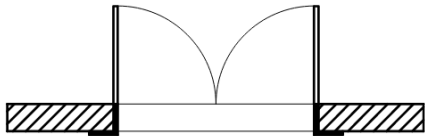
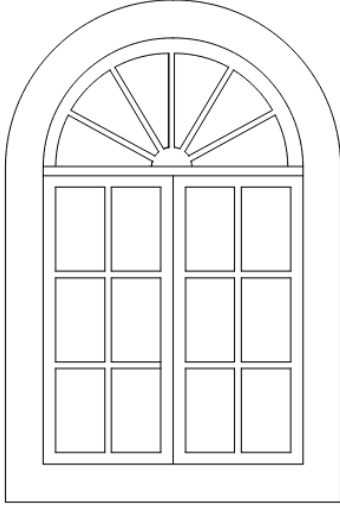
Vão. Engenharia Civil na Internet. Disponível em <<https://www.engenhariacivil.com/dicionario/vao>>. Acesso em 07/05/2024.



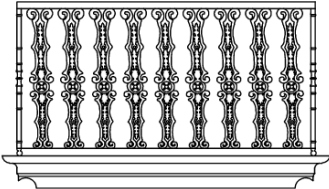
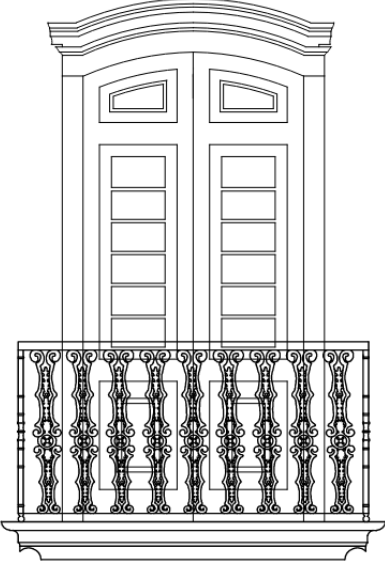
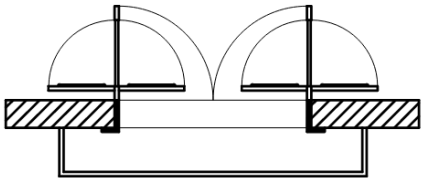
VASCONCELLOS, Sylvio de. **Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos**. 5ª ed. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.



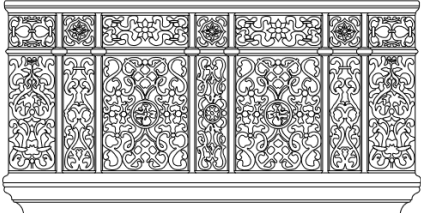
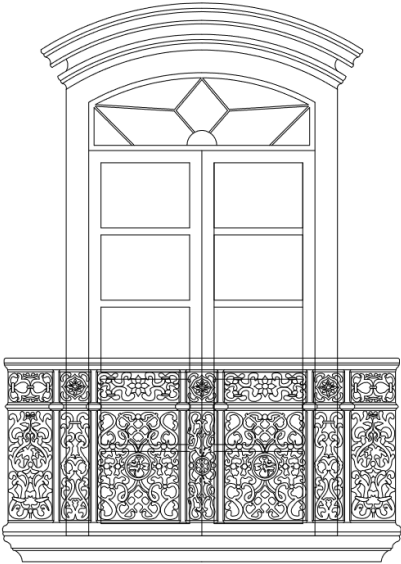
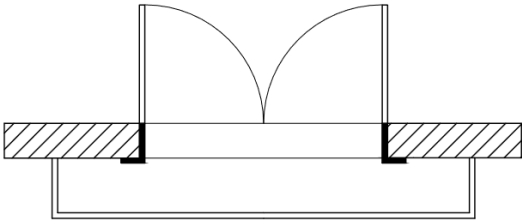
APÊNDICE A - Fichas de Inventário



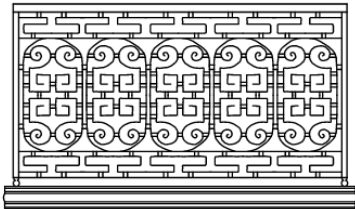
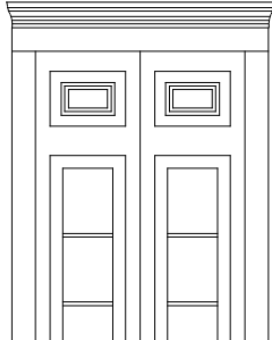
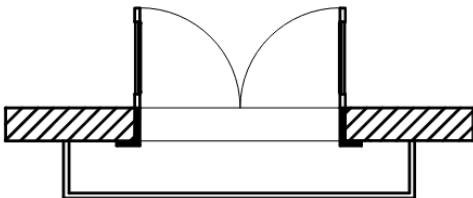
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS - CAMPUS OURO PRETO		Inventário e análise das tipologias de janelas da Rua Direita em Mariana, Minas Gerais, Brasil.	
Autora: Isabela Campos Silva			
Localização: Rua Direita, 07, Centro - Mariana/MG Uso atual: Institucional (Escritório Técnico do IPHAN de Mariana)			
Edificação	Janela	Proteção legal: Sim. Tombamento federal pelo conjunto arquitetônico e urbanístico de Mariana.	
		Dimensões externas: 152 m x 286 m	
		Possui bandeira: Não	
		Estado de conservação: Regular	
 GRADIL DA SACADA – RUA DIREITA, 07 escala 1/50		 RUA DIREITA, 07 escala 1/50	
 CORTE DA JANELA – RUA DIREITA, 07 escala 1/50			
Descrição: Edificação de dois pavimentos, provavelmente construída na segunda metade do século XVIII (já que as construções no lado esquerdo da Rua Direita se iniciam a partir de 1753). Possui janelas de madeira de duas folhas almofadadas, com marco de madeira, parapeito sacado, gradil de ferro, postigo almofadado que abre para o interior e possui estrutura fixa no exterior com vidros. Possui cimalha e verga em arco abatido.			
Orientadora: Prof. Bárbara Helena Almeida Carmo		Julho/2024	1/10



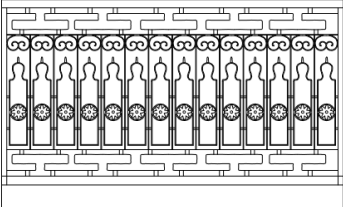
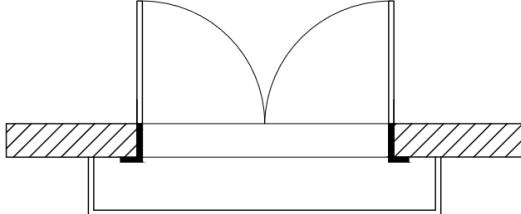
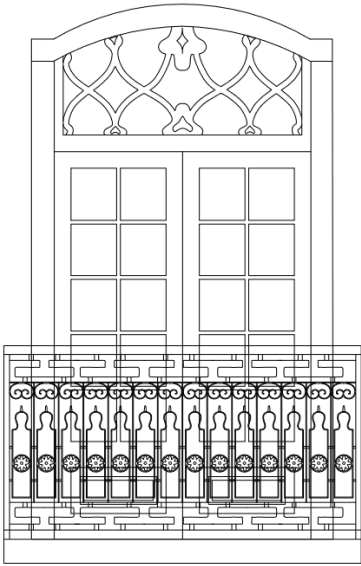
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS - CAMPUS OURO PRETO		Inventário e análise das tipologias de janelas da Rua Direita em Mariana, Minas Gerais, Brasil.	
Autora: Isabela Campos Silva			
Localização: Rua Direita, 30, Centro - Mariana/MG Uso atual: Comercial			
Edificação 		Janela 	
		Proteção legal: Sim. Tombamento federal pelo conjunto arquitetônico e urbanístico de Mariana.	
		Dimensões externas: 143 m x 202 m	
		Possui bandeira: Não	
		Estado de conservação: Regular	
 <p>CORTE DA JANELA – RUA DIREITA, 30 escala 1/50</p>		 <p>RUA DIREITA, 30 escala 1/50</p>	
Descrição: Edificação térrea, provavelmente do século XVIII. Possui janela de peitoril, com marco em madeira, fechamento em duas folhas em tabuado, também de madeira. Possui verga reta.			
Orientadora: Prof. Bárbara Helena Almeida Carmo		Julho/2024	2/10

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS - CAMPUS OURO PRETO		Inventário e análise das tipologias de janelas da Rua Direita em Mariana, Minas Gerais, Brasil.	
Autora: Isabela Campos Silva			
Localização: Rua Direita, 32, Centro - Mariana/MG Uso atual: Comercial			
Edificação	Janela	Proteção legal: Sim. Tombamento federal pelo conjunto arquitetônico e urbanístico de Mariana.	
		Dimensões externas: 178 m x 263 m	
		Possui bandeira: Sim, fixa.	
		Estado de conservação: Regular.	
 CORTE DA JANELA – RUA DIREITA, 32 escala 1/50		 RUA DIREITA, 32 escala 1/50	
Descrição: Edificação térrea, provavelmente do século XIX, devido às suas características construtivas. Até o século XX, possuía platibanda. Possui janela de peitoril com marco em argamassa (provavelmente de cal e areia), fechamento em duas folhas em caixilho de madeira com vidro no lado externo e em duas folhas com tabuado de madeira no lado interno. Possui verga em arco pleno e bandeira fixa também em arco pleno, com vidro e madeira.			
Orientadora: Prof. Bárbara Helena Almeida Carmo		Julho/2024	3/10

<p align="center">INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS - CAMPUS OURO PRETO</p>	<p align="center">Inventário e análise das tipologias de janelas da Rua Direita em Mariana, Minas Gerais, Brasil.</p>	
<p>Autora: Isabela Campos Silva</p>		
<p>Localização: Rua Direita, 35, Centro - Mariana/MG Uso atual: Institucional (Museu Casa Alphonsus de Guimarães)</p>		
<p align="center">Edificação</p> 	<p align="center">Janela</p> 	<p>Proteção legal: Sim. Tombamento Federal pelo conjunto arquitetônico e urbanístico de Mariana.</p> <p>Dimensões externas: 152 m x 286 m</p> <p>Possui bandeira: Não</p> <p>Estado de conservação: Regular.</p>
<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: flex-start;"> <div style="text-align: center;">  <p>GRADIL DA SACADA – RUA DIREITA, 35 escala 1/50</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>RUA DIREITA, 35 escala 1/50</p> </div> </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: flex-start; margin-top: 20px;"> <div style="text-align: center;">  <p>CORTE DA JANELA – RUA DIREITA, 35 escala 1/50</p> </div> </div>		
<p>Descrição: Edificação de dois pavimentos, provavelmente construída na segunda metade do século XVIII, com projeto atribuído à José Pereira Arouca. Possui janelas de madeira de duas folhas almofadadas, com marco de madeira, parapeito sacado, gradil de ferro, postigo almofadado que abre para o interior e postigo com vidros para o lado externo. Possui cimalha e verga em arco abatido.</p>		
<p>Orientadora: Prof. Bárbara Helena Almeida Carmo</p>	<p align="center">Julho/2024</p>	<p align="center">4/10</p>

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS - CAMPUS OURO PRETO		Inventário e análise das tipologias de janelas da Rua Direita em Mariana, Minas Gerais, Brasil.	
Autora: Isabela Campos Silva			
Localização: Rua Direita, 54, Centro - Mariana/MG Uso atual: Residencial e comercial			
Edificação	Janela	Proteção Legal: Sim. Tombamento federal individual.	
		Dimensões externas: 156 m x 279 m	
		Possui bandeira: Sim, fixa.	
		Estado de conservação: Regular.	
			
GRADIL DA SACADA – RUA DIREITA, 54 escala 1/20		CORTE DA JANELA – RUA DIREITA, 54 escala 1/20	
		RUA DIREITA, 54 escala 1/20	
Descrição: Edificação de dois pavimentos, construída mais ou menos em 1790, por José Pereira Arouca, segundo José Wash Rodrigues. Possui janelas de madeira de duas folhas almofadadas para o lado interno e com caixilhos de vidro para o lado externo, com parapeito sacado em pedra sabão. Possui cimalha e verga em arco não pleno.			
Orientadora: Prof. Bárbara Helena Almeida Carmo		Julho/2024	5/10

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS - CAMPUS OURO PRETO		Inventário e análise das tipologias de janelas da Rua Direita em Mariana, Minas Gerais, Brasil.	
Autora: Isabela Campos Silva			
Localização: Rua Direita, 85, Centro - Mariana/MG Uso atual: Residencial e comercial			
Edificação	Janela	Proteção legal: Sim. Tombamento federal pelo conjunto arquitetônico e urbanístico de Mariana.	
		Dimensões externas: 141 m x 279 m	
		Possui bandeira: Não	
		Estado de conservação: Regular	
			
GRADIL DA SACADA – RUA DIREITA, 85 escala 1/50		RUA DIREITA, 85 escala 1/50	
			
CORTE DA JANELA – RUA DIREITA, 85 escala 1/50			
Descrição: Edificação de dois pavimentos, provavelmente construída na segunda metade do século XVIII. Possui janelas de madeira de duas folhas almofadadas, com marco de madeira, parapeito sacado, gradil de ferro e postigo com caixilhos de vidro. Possui cimalha e verga reta.			
Orientadora: Prof. Bárbara Helena Almeida Carmo		Julho/2024	6/10

<p>INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS - CAMPUS OURO PRETO</p>	<p>Inventário e análise das tipologias de janelas da Rua Direita em Mariana, Minas Gerais, Brasil.</p>	
<p>Autora: Isabela Campos Silva</p>		
<p>Localização: Rua Direita, 86, Centro - Mariana/MG Uso atual: Residencial e comercial</p>		
<p>Edificação</p> 	<p>Janela</p> 	<p>Proteção legal: Sim. Tombamento federal pelo conjunto arquitetônico e urbanístico de Mariana.</p> <p>Dimensões externas: 144 m x 290 m</p> <p>Possui bandeira: Sim, fixa.</p> <p>Estado de conservação: Regular.</p>
<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div data-bbox="261 1151 895 1800">  <p>GRADIL DA SACADA – RUA DIREITA, 86 escala 1/20</p>  <p>CORTE DA JANELA – RUA DIREITA, 86 escala 1/20</p> </div> <div data-bbox="927 1151 1289 1800">  <p>RUA DIREITA, 86 escala 1/20</p> </div> </div>		
<p>Descrição: Edificação de dois pavimentos, provavelmente construída na segunda metade do século XVIII. Possui janelas de duas folhas com caixilhos e vidro, marco de madeira, parapeito em sacada corrida com gradil de ferro. Possui verga em arco abatido.</p>		
<p>Orientadora: Prof. Bárbara Helena Almeida Carmo</p>	<p>Julho/2024</p>	<p>7/10</p>

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS - CAMPUS OURO PRETO
Inventário e análise das tipologias de janelas da Rua Direita em Mariana, Minas Gerais, Brasil.

Autora: Isabela Campos Silva

Localização: Rua Direita, 91, Centro - Mariana/MG

Uso atual: Institucional (Centro de atenção ao Turismo - CAT)

Edificação



Janela



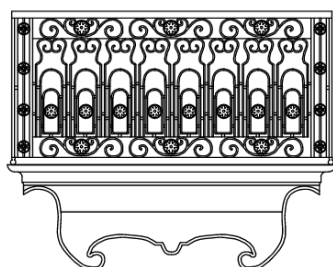
Proteção legal: Sim. Tombamento federal pelo conjunto arquitetônico e urbanístico de Mariana.

Dimensões externas:

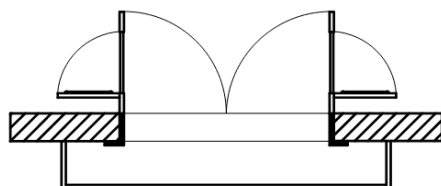
165 m x 296 m

Possui bandeira: Não

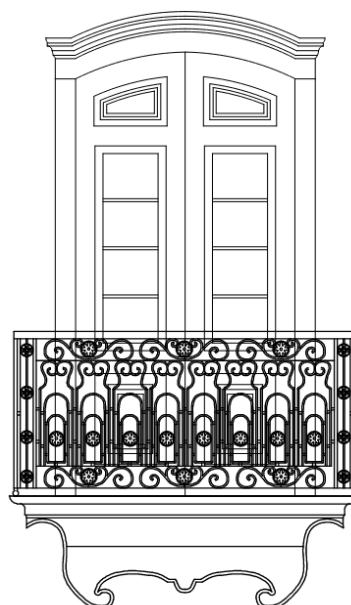
Estado de conservação: Regular



GRADIL DA SACADA – RUA DIREITA, 91
 escala 1/50



CORTE DA JANELA – RUA DIREITA, 91
 escala 1/50





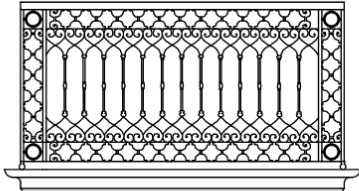
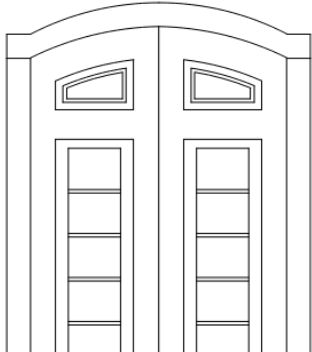
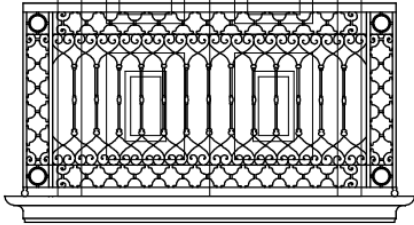
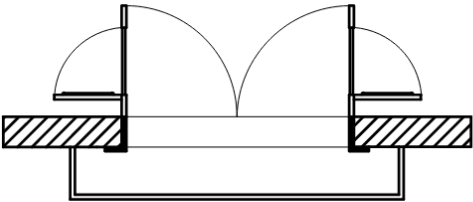
RUA DIREITA, 91
 escala 1/50



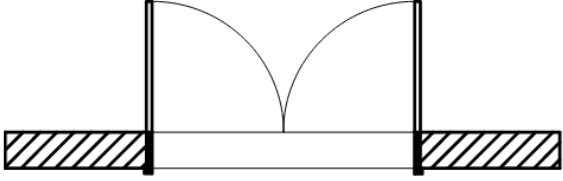
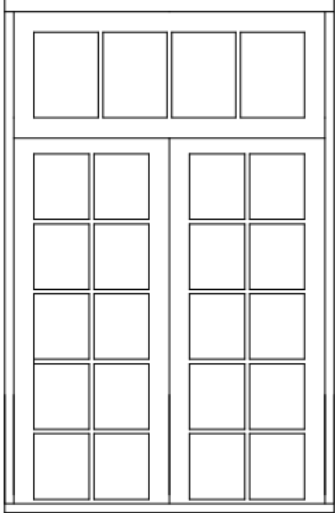
Descrição: Edificação de dois pavimentos, provavelmente construída na segunda metade do século XVIII. Possui janelas de madeira de duas folhas almofadadas, com marco de madeira, parapeito sacado, gradil de ferro, postigo almofadado que abre para o interior e postigo com vidros para o lado externo. Possui cimbalha e verga em arco abatido.

Orientadora: Prof. Bárbara Helena Almeida Carmo

Julho/2024

8/10

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS - CAMPUS OURO PRETO		Inventário e análise das tipologias de janelas da Rua Direita em Mariana, Minas Gerais, Brasil.	
Autora: Isabela Campos Silva			
Localização: Rua Direita, 105, Centro - Mariana/MG Uso atual: Institucional (Associação Marianense de Artistas)			
Edificação	Janela	Proteção legal: Sim. Tombamento federal pelo conjunto arquitetônico e urbanístico de Mariana.	
		Dimensões externas: 165 m x 279 m	
		Possui bandeira: Não	
		Estado de conservação: Regular	
			
GRADIL DA SACADA – RUA DIREITA, 105 escala 1/50			
		RUA DIREITA, 105 escala 1/50	
CORTE DA JANELA – RUA DIREITA, 105 escala 1/50			
Descrição: Edificação de dois pavimentos, provavelmente construída na segunda metade do século XVIII. Possui janelas de madeira de duas folhas almofadadas, com marco de madeira, parapeito sacado, gradil de ferro, postigo almofadado que abre para o interior e postigo com vidros para o lado externo. Possui cimalha e verga em arco abatido.			
Orientadora: Prof. Bárbara Helena Almeida Carmo		Julho/2024	9/10

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS - CAMPUS OURO PRETO	Inventário e análise das tipologias de janelas da Rua Direita em Mariana, Minas Gerais, Brasil.	
Autora: Isabela Campos Silva		
Localização: Rua Direita, 151, Centro - Mariana/MG Uso atual: Institucional (Sede da Banda União XV de Novembro)		
<p style="text-align: center;">Edificação</p> 	<p style="text-align: center;">Janela</p> 	<p>Proteção legal: Sim. Tombamento federal pelo conjunto arquitetônico e urbanístico de Mariana.</p> <p>Dimensões externas: 146 m x 262 m</p> <p>Possui bandeira: Sim, fixa.</p> <p>Estado de conservação: Regular</p>
<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: flex-end;"> <div style="text-align: center;">  <p>CORTE DA JANELA – RUA DIREITA, 151 escala 1/50</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>RUA DIREITA, 151 escala 1/50</p> </div> </div>		
<p>Descrição: Edificação de dois pavimentos, provavelmente construída no século XIX. Possui janela de duas folhas com caixilhos e vidro, verga reta, parapeito sacado e balaústres em argamassa. Possui duas janelas de peitoril, com as mesmas características da janela de parapeito sacado. Para esta representação gráfica, a janela escolhida foi a de peitoril.</p>		
Orientadora: Prof. Bárbara Helena Almeida Carmo	Julho/2024	10/10